

Tiago Abdalla Teixeira Neto

FILOSOFIA E PRÁXIS DO MINISTÉRIO PASTORAL

A Partir das Cartas Pastorais

Monografia apresentada ao Prof. Jairo
Moreira em cumprimento total dos
requisitos do Trabalho de Conclusão
de Curso

CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA

SEMINÁRIO BÍBLICO PALAVRA DA VIDA

Atibaia

2006

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. A QUESTÃO DA AUTORIA PAULINA NAS PASTORAIS	5
2.1. A Questão Lingüística.....	6
2.2. A Questão Histórica	8
2.3. A Questão Eclesiológica	11
2.4. A Questão Teológica	13
2.5. Conclusão.....	18
3. INTRODUÇÃO HISTÓRICO-TEOLÓGICA DAS CARTAS PASTORAIS	
20	
3.1. Primeira Carta a Timóteo.....	20
3.2. Segunda Carta a Timóteo.....	22
3.3. Carta a Tito.....	23
3.4. Conclusão.....	24
4. QUALIDADES CRISTÃS A SEREM DESENVOLVIDAS PELO	
PASTOR	25
4.1. Uma Proposta Filosófica a Partir da Exegese de 1 Timóteo 3.1-7	26

4.2.	Uma Proposta Filosófica Prática a Partir de 1 Timóteo 3.1-7	38
5.	A TAREFA PASTORAL DE PROTEGER A Sã DOCTRINA E AUXILIAR A PRÁTICA DA PIEDADE NA IGREJA.....	42
5.1.	Uma Proposta Filosófica a Partir da Segunda Carta a Timóteo	42
5.2.	Uma Proposta Filosófica a Partir da Carta a Tito	50
5.3.	Conclusão: Uma Proposta Prática	55
6.	CONCLUSÃO.....	60
	BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	61

1. INTRODUÇÃO

Ao abordar a questão do ministério pastoral no presente, perguntas são levantadas inevitavelmente. Os pastores modernos vivenciam uma época marcada pelo sincretismo filosófico. As pegadas deixadas pelo racionalismo, a forte influência da psicologia moderna, o existencialismo crescente por trás do movimento de “espiritualidade”, o modismo das mega-igrejas e o fenômeno da teologia da prosperidade confundem a cabeça de qualquer ministro que inicia seu ministério. A insatisfação é, de certa forma, expressa por Eugene Peterson:

Ainda assim, não estou satisfeito. Depois de seguir o conselho de meus contemporâneos e de fazer tudo que me disseram para fazer, descubro que desejo mais. Quero mais conselhos inteligentes e ensino competente. Anseio por uma base bíblica para a íntegra do trabalho pastoral e não apenas para a pregação e o ensino.¹

Diante disso, será que é possível formular uma filosofia de trabalho absoluta e constante? Existe uma base autoritativa para isso? Este é um dos propósitos do presente trabalho e ocupará a parte inicial dele. Pois o autor crê na inspiração das Escrituras e em sua autoridade para a vida cristã, o que inclui o serviço (Mt 4.1-11; 2 Tm 3.16-17). Como as Pastorais são o foco da obra, no sentido de promoverem uma filosofia de ministério, a defesa da autoria paulina é imprescindível, especialmente depois dos bombardeios da alta crítica.

Em seguida, uma exposição do contexto das duas cartas a Timóteo e da carta a Tito mostrará sua relevância para o trabalho pastoral moderno, indicando-as como um legado pertinente aos pastores de todas as gerações.

A segunda parte do trabalho consistirá em responder outras perguntas de caráter específico quanto ao ministério. Visto que as Pastorais são autoritativas e relevantes para nortear a obra pastoral, o que dizem sobre os requisitos cristãos para a realização da

¹ PETERSON, Eugene. *O pastor que Deus usa*. Rio de Janeiro: Textus, 2003. p. 17.

tarefa? Que qualidades o pastor deve desenvolver enquanto cuida do rebanho? Uma proposta filosófico-exegética e prática será dada com base em 1 Timóteo 3.1-7, destacando as virtudes cristãs nas quais o líder deve amadurecer.

Por fim, serão tratadas duas áreas básicas relacionadas à obra episcopal. O que o pastor deve fazer? Que características básicas compõem seu trabalho? As Pastorais ressaltam a importância de proteger a sã doutrina e conduzir o povo de Deus pela prática da piedade como encargos do pastor. A partir de 2 Timóteo e Tito essas duas tarefas serão analisadas na última parte da tese.

2. A QUESTÃO DA AUTORIA PAULINA NAS PASTORAIS

Durante grande parte da história da tradição eclesiástica, as epístolas pastorais sempre foram aceitas como autênticas cartas do apóstolo Paulo. Possíveis alusões às pastorais ocorrem desde a carta de Clemente de Roma aos Coríntios em 95 A.D., e em escritos de Inácio e Policarpo, nas primeiras décadas do segundo século.² A partir da segunda metade do segundo século se têm menções claras de que havia um reconhecimento quase universal da originalidade paulina delas na Igreja por Irineu, Tertuliano, Atenágoras, pelo Cânon Muratório e outros pais da Igreja posteriores.³ Foram deixadas de lado no cânon de Márcion, herege excomungado pela igreja em 144 A.D. e rejeitadas por Taciano no final do segundo século, que, todavia, possuía uma perspectiva individualista não refletindo a visão geral da Igreja.⁴

No entanto, em 1807 com Schleiermacher, as cartas passaram a ser alvo da alta crítica e a teoria de que foram escritas por um autor pseudônimo passou a ser considerada. Schleiermacher pôs em dúvida a autoria paulina de 1 Timóteo, apontando como base a linguagem e informações históricas. Outras questões como a heresia que Paulo combate, o estilo e teologia das cartas e seu modo de encarar a liderança eclesiástica tem sido levantadas como argumentos contrários à autoria de Paulo. Diante disto, faz-se necessária uma defesa da

² STOTT, John R. W. *A mensagem de 2 Timóteo*. São Paulo: ABU, 1995. p. 1, 2; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova. v. 3, p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 414, 420, 424.

³ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 1, 2; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 414, 420, 424; KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982. p. 485-486; ALEXANDRIA, Atanásio de. *Epístola 39*.

⁴ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 1, 2; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 414, 420.

legitimidade apostólica destes escritos que validem sua autoridade para o ministério pastoral moderno. Caso contrário, perderão seu valor na análise, sendo vistos como escritos espúrios e sem qualquer origem divina.

Nesta primeira parte do trabalho, portanto, se analisará as questões levantadas pela crítica moderna, provando o erro em que ela se encontra. Isto incluirá avaliações com respeito às questões lingüística de estilo e vocabulário, histórica acerca da biografia paulina, eclesiológica sobre a organização da liderança e o pensamento paulino sobre a igreja, e teológica, analisando a teologia das pastorais e a heresia à qual se preocupa em refutar.

2.1. A Questão Lingüística

Argumenta-se que o vocabulário das epístolas pastorais diverge grandemente de todas as outras epístolas do apóstolo. Das 902 palavras, 306 não são encontradas em nenhuma outra epístola de Paulo e 175 destas, não ocorrem em nenhuma outra parte do Novo Testamento.⁵

É observado, também, que muitas destas palavras que não aparecem em nenhum outro lugar das epístolas paulinas aparecem em escritos de pais apostólicos do século II. Das 306 cerca de 211 aparecem nestes textos posteriores. Das 542 palavras partilhadas com as demais cartas de Paulo, cerca de 50 são caracteristicamente dele, no sentido de que não são usadas por qualquer outro autor neotestamentário. Entre as 492 que restam, encontram-se palavras básicas sem as quais qualquer autor não poderia escrever e outras que todo escritor cristão usaria (como “amor”, “fé”, “irmão”). E além de todos estes pontos, algumas palavras têm sentidos diferentes quando ocorrem nas pastorais e em outras epístolas paulinas.⁶

Kümmel salienta observações feitas por Harrison, de que muitas partículas usadas freqüentemente por Paulo nas demais epístolas não aparecem nas pastorais.⁷ Beker

⁵ CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 396-398.

⁶ *Idem. Ibid.*

⁷ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 488-489.

também destaca que a agilidade e vivacidade da argumentação paulina é trocada por um estilo pesado e repetitivo nas pastorais.⁸

Por mais que toda esta argumentação assuma uma determinada força não é decisiva nem final. Primeiramente, é necessário perceber que a maioria das palavras partilhadas pelas pastorais e pela maioria de escritores do século II são encontradas, também, em escritos anteriores a 50 A.D. na literatura grega extrabíblica e inclusive na LXX.⁹ É fato, ainda, que se Paulo foi capaz de usar 2.177 palavras em dez de suas epístolas, não há razão para negar a possibilidade de incluir 306 novas palavras, em situações diferentes das demais.

Ao mesmo tempo em que se aponta para a diferença de vocabulário como importante por alguns estudiosos para se pensar num autor pseudônimo das pastorais, tal argumento pode ter força contrária a estes, sendo o fato de que 127 palavras ocorrem somente em 1 Timóteo, 81 apenas em 2 Timóteo e 45 somente em Tito, já que se supõe um único autor para as três.¹⁰ Quanto à questão do diferente significado das palavras, pode ser resolvida com um simples estudo de vocábulo de determinadas palavras que são usadas com sentidos diferentes entre as outras dez cartas paulinas.

A observação de Kümel quanto às partículas que não aparecem nas pastorais, encontra contra-argumentação no fato de que há cerca de 85 partículas, preposições e pronomes que se acham tanto nestas quanto na demais epístolas paulinas, o que não se distancia de outras epístolas como Romanos, 2 Coríntios e Filipenses.¹¹ No mais, essas diferenças de estilo e vocabulário podem ser muito bem compreendidas por meio da mudança de amanuense,¹² como também, por aquilo que Stott destaca em seu comentário: “... as

⁸ BEKER, J.C. *Pastoral letters*. Apud GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 399.

⁹ GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 397; GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 361; KELLY, J.N.D. *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983. p. 31.

¹⁰ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 504-507; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 398.

¹¹ GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 398-399.

¹² Ver GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 360-361; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 399.

mudanças de tempo, de situação, e de tema são suficientes para responder pelas peculiaridades nelas existentes”.¹³

2.2. A Questão Histórica

O problema histórico que é apontado como motivo para desacreditar uma autoria paulina às pastorais origina-se no fato de que muitas das situações históricas que as pastorais indicam e pressupõem não se encaixam naquilo que é relatado no escrito de Atos e em outras cartas do apóstolo.

As aparentes discordâncias históricas são indicadas nas três cartas. Em 1 Timóteo encontra-se o relato de que Paulo havia deixado Timóteo em Éfeso quando partiu para a Macedônia (1 Tm 1.3), enquanto Atos informa que depois de trabalhar em Éfeso, Paulo partiu para a Macedônia, mas antes de partir enviou Timóteo à sua frente para Macedônia (At 19.21, 22; 20.1-6). No relato de Atos, Paulo parte da Macedônia para a Grécia e depois segue em viagem até Jerusalém, sem, contudo, passar por Éfeso (At 20.16-17) e Timóteo fazia parte do grupo que o acompanhava quando ele partia da Grécia rumo ao destino final em Jerusalém (At 20.4ss). Isso aparenta uma contradição com trechos de 1 Timóteo que indicam um encontro de Paulo com Timóteo em Éfeso (1 Tm 3.14; 4.13).

Na carta de Tito outras diferenças se destacam. Atos menciona a passagem de Paulo por Creta quando estava sendo levado preso à Roma (At 27.7ss). Todavia, Lucas não indica qualquer atividade missionária na ilha e o local onde aportam e passam o inverno após passarem por Creta é a ilha de Malta (At 28.1ss). No escrito pastoral em análise neste parágrafo, entretanto, diz que Paulo deixara Tito em Creta para organizar a igreja ali e partira para Nicópolis, onde passaria o inverno (Tt 1.5ss; 3.12).

Algumas informações geográficas e históricas de 2 Timóteo também trazem dificuldades. O fato de Paulo pedir para Timóteo levar objetos seus de Trôade para Roma em sua prisão, seria ilógico pela distância de tempo que se encontrava entre a passagem de Paulo por Trôade e sua chegada a Roma como prisioneiro (At 20.3-13; 24.27; 2 Tm 4.13). Além do mais não haveria necessidade de falar que tinha deixado Trófimo doente em Mileto, pois

¹³ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 3.

Timóteo participara da viagem a Jerusalém (At 20.4ss; 2 Tm 4.20). Além do que, Trófimo viajara com Paulo até Jerusalém (At 21.29). Por fim, a alegação de que Demas abandonara Paulo, parece contradizer com aquilo que é afirmado em Filemom (Fm 24; 2 Tm 4.10).

É possível permanecer na ortodoxia e entender as pastorais como escritos inspirados pelo Deus que não pode mentir (Tt 1.2). Faz-se mister observar que negar a veracidade da carta por ter conflitos com Atos e outras epístolas paulinas significa limitar a biografia de Paulo àquilo que é narrado por Lucas. Todavia é possível postular a soltura do apóstolo da prisão em Roma.¹⁴ Até porque registros antigos sugerem isto e fornecem base para uma argumentação a favor da autenticidade das cartas.

As Escrituras mostram Paulo com a esperança de ser solto e não vêm complicações para que isso ocorresse no primeiro aprisionamento em Roma. A carta de Clemente de Roma escrita no final do século I sugere a realização do desejo de Paulo de pregar o evangelho na Espanha (Rm 15.24, 28). Clemente diz em sua carta: “Ele ensinou retamente por todo o mundo, alcançando os limites do Oeste, testemunhou diante das autoridades; depois foi tirado do mundo”.¹⁵ A afirmação deste pai da Igreja falando sobre os limites do Oeste, muito provavelmente indique a Espanha, especialmente para alguém que vivia em Roma. Ao lado do testemunho de Clemente aparece o Cânon Muratoriano, que afirma que Lucas omitiu em Atos a viagem de Paulo até a Espanha.¹⁶ Por fim, a afirmação de Eusébio de uma segunda prisão de Paulo em Roma culminando em seu martírio serve de sustentação para as Pastorais, pois se coaduna com o registro de 2 Timóteo e mostra a necessidade da existência de uma segunda prisão diferente daquela descrita nas outras epístolas paulinas e em Atos.¹⁷

Ao finalizar esta parte do testemunho externo acerca da possibilidade da libertação de Paulo de sua primeira prisão em Roma, cabe a citação da análise feita por Georg Kümmel, teólogo de linha liberal:

¹⁴ ROBINSON, Guillermo Childs. Introdução. In: CALVINO, Juan. *Comentario a la primera epístola pastoral de San Pablo a Timoteo*. Ginebra, 1556. (Extraído de www.gracia-soberana.com). p. 1

¹⁵ ROMA, Clemente. *1 Clemente*. Apud. KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 494.

¹⁶ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 494-495.

¹⁷ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 1, 2.

... é pouco provável que o autor romano de 1Clem no final do século I não possuísse então uma tradição independente a respeito do fim da vida de Paulo; e uma vez que ele evidentemente quer falar nos caps. 5 e 6 a respeito dos mártires *romanos*, existe a real possibilidade de que conhecia, com bases seguras, que Paulo havia trabalhado na Espanha como missionário e depois morreu como mártir em Roma. Portanto, existe a possibilidade, e até a probabilidade, de que Paulo mais uma vez tenha morrido mártir na mesma cidade...¹⁸

Notando o testemunho interno das Escrituras, pode-se dizer que a libertação de Paulo era bem provável e esperada por ele. Festo e Agripa o têm como inocente, que não fizera nada merecedor de morte e que poderia estar em liberdade caso não tivesse apelado para César (At 25.25; 26.32). A tranqüilidade vivida por Paulo numa prisão domiciliar favorece o baixo grau de gravidade com que suas ações eram vistas pelas autoridades romanas (At 28.30).

As epístolas de Paulo escritas em sua primeira prisão, sejam em Roma ou em Cesaréia, demonstram uma visão muito positiva em termos de uma libertação e, ainda, de continuar seu ministério no leste do império romano, possibilidade esta totalmente negada por Kümmel.¹⁹ Filipenses 1.19-25 e 2.23-24 corroboram, fortemente, para o entendimento de Paulo de que encontraria com os filipenses após aquele aprisionamento. Na carta a Filemom, Paulo volta a afirmar sua esperança de que seria liberto (Fm 22). Mesmo que se afirme que Atos 20.25, 38 demonstra que Paulo não tinha mais nenhuma expectativa de voltar a ministrar a leste de Roma, não pode ser tomado como argumento suficiente, pois nesta ocasião, Paulo tinha em mente a incerteza do que viria em Jerusalém e a certeza dada pelo Espírito Santo de que viriam cadeias e tribulações pela frente. Diante disto, Paulo decidiu fazer um discurso de alerta caso não voltasse a ver aqueles homens. Como observou George Ladd:

A expectativa dos anciãos de Éfeso de que não mais veriam mais os seu rosto não precisa ser compreendida como profecia rígida e inflexível de que Paulo não visitaria mais Éfeso. As Epístolas Pastorais indicam um ministério posterior à sua prisão em Roma. Entretanto, ela reflete, como em 20.22, 24, a expectativa de que sérias dificuldades e uma possível morte estavam diante de Paulo.²⁰

É elementar, portanto, a grande plausibilidade da autoria paulina nas pastorais diante do fato provável de sua libertação da primeira prisão, de seu ministério na

¹⁸ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 495.

¹⁹ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 495-496.

²⁰ LADD, George Eldon. Atos. In: HARRISON, Everett (Edit.). *Comentário Bíblico Moody*. São Paulo: IBR, 1983. v. 4. p. 286

Espanha e no leste após a soltura e um novo aprisionamento numa circunstância muito diferente da primeira prisão.

2.3. A Questão Eclesiológica

Algumas objeções têm surgido à autoria paulina devido ao modelo eclesiástico de serviço e liderança. Aponta-se que a forma de liderança sugerida pelas pastorais é equivalente ao ofício episcopal monárquico, do qual o bispo Inácio de Antioquia se refere em suas cartas. Outros afirmam que a concepção do presbiterato como ministério ordenado é tão estranho a Paulo quanto o serviço das viúvas contido nas pastorais.

Somado aos argumentos anteriores, questiona-se a falta de menção de uma ativa cooperação e responsabilidade da comunidade. Tendo em vista parte destas observações, Kümmel conclui: “Em poucas palavras, as Pastorais são o documento ‘de um direito canônico já altamente desenvolvido’ numa igreja que já se estabeleceu no mundo, uma igreja tal qual Paulo nunca conheceu”.²¹

Urge a necessidade de uma resposta a estas objeções que demonstrem a similitude de uma forma eclesiástica comum tanto às Pastorais como à igreja cristã da metade do primeiro século.

A afirmação de que o estilo de liderança das pastorais se iguala ao episcopado monárquico se demonstra fraca e insustentável. Tal modelo requer um bispo supervisor para um grupo de presbíteros subordinados a ele. Isto é totalmente incompatível com a liderança organizacional proposta pelas pastorais. É ponto pacífico entre a maioria das autoridades ortodoxas, o fato de que “presbíteros” e “bispos” são palavras intercambiáveis nas pastorais.²² Em Tito elas são usadas com o mesmo sentido, indiscriminadamente (Tt 1.5ss), e na primeira carta a Timóteo é bem provável que Paulo usa ambas as palavras para designar a mesma função (1 Tm 3.1-7; 5.17-20). Este uso indiscriminado das duas palavras pode ser visto até mesmo em Atos, ao narrar a despedida de Paulo dos presbíteros ou bispos de Éfeso

²¹ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 501.

²² STOTT, John R. *Op cit.* p. 4; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 401-402; GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 362; WALLIS, Wilbur B. 1 e 2 Timóteo, Tito. *In:* HARRISON, Everett

(At 20.17, 28). A Bíblia de Jerusalém, cuja inclinação não é conservadora, nem protestante, reconhece a impossibilidade do episcopado monárquico nas Pastorais:

“Todavia, embora a liderança carismática tenha dado caminho à direção institucional, não há evidência do tipo de episcopado monárquico atestado por Inácio de Antioquia. A autoridade na igreja é colegial, e os “bispos” (1 Tm 3.2-5), têm as mesmas funções que os “anciãos” (1 Tm 5.17). Cada ancião precisa ter as qualidades de “bispo” (Tt 1.6-9).²³

Tudo indica, portanto, que a forma de governo eclesiástico se dava em conformidade com o costume das igrejas da metade do primeiro século, uma liderança formada por “bispos” ou “presbíteros” e “diáconos” (Fp 1.1).

Quanto à postulação do desconhecimento Paulino no que diz respeito à ordenação de presbíteros é incompatível com a própria narrativa bíblica. Lucas narra Paulo, em uma de suas viagens missionárias, promovendo a eleição de presbíteros (At 14.23). Tal função era comum à igreja desde o início e, sem dúvida, conhecida de Paulo (At 15.4, 6, 23).

O auxílio às viúvas e uma dedicação destas ao ministério eclesiástico, não é algo estranho a Paulo, nem à prática da igreja cristã da época. Em Atos 6 percebe-se um cuidado da igreja cristã para com estas mulheres, auxiliando na provisão de alimento delas. Em 1 Coríntios 7.8, 32-35, há uma consagração ao ministério da igreja para aquelas viúvas que decidissem não se casar, mas permanecer na condição em que se encontravam.

No que diz respeito à aparente falta de envolvimento ativo e responsável da comunidade, isso está diretamente ligado a uma observação rasa e preconceituosa das epístolas pastorais. A exceção é 2 Timóteo, onde, realmente, o apóstolo está preocupado com o jovem Timóteo e a responsabilidade deste ministro por dar continuidade ao trabalho apostólico iniciado por Paulo, preservando a Sã Doutrina e, também, instruindo e protegendo a Igreja. Nas outras epístolas há um grande incentivo à ação cristã que deveria ser promovida tanto por Timóteo quanto por Tito (1 Tm 2.8, 9-15; 3.1-16; 5.3-15; 6.1-2, 17-19; Tt 1.6-9; 2.1-

(Edit.). *Comentário Bíblico Moody*. São Paulo: IBR, 1983. v. 5. p. 281; HENDRIKSEN, William. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 150.

²³ EDITORA PAULUS. *Bíblia de Jerusalém*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1964.

10; 3.1-8, 14). A ênfase maior que estas cartas dão ao ministério da liderança na igreja, se deve ao momento específico e aos destinatários específicos.²⁴

Isto posto, fica evidente a fragilidade da objeção à autoria paulina das Pastorais pelas características eclesiológicas. Todas as características encontradas nestas cartas mostram uma concordância e apoio à autoria paulina, no lugar de negá-la.

2.4. A Questão Teológica

Pretende-se aqui, a análise da heresia que foi objeto de combate nas Pastorais e a plausibilidade da época desta com o período de vida do apóstolo Paulo. Além disso, se fará uma abordagem acerca da teologia e o vocabulário teológico que afirmam ser diferentes àqueles encontrados em outras obras do apóstolo.

O que, geralmente, se alega contrário à autenticidade destas cartas é o fato de que a heresia combatida não diz respeito ao primeiro século, mas àquilo que fora comum a um gnosticismo posterior já do século II. Diz-se que as referências ao “saber como falsamente lhe chamam” (1 Tm 6.20), juntamente com as referências a “fábulas e genealogias sem fim” (1 Tm 1.4; cf. 4.7; Tt 3.9), práticas ascéticas (1 Tm 4.1-5) e a negação de uma ressurreição física (2 Tm 2.16-23) indicam crenças gnósticas presentes que se encontram somente a partir do segundo século.

Tal afirmação tem sido cada vez menos aceita até por teólogos liberais. Rudolf Bultmann e seu discípulo, H. Schlier, têm defendido a mitologia gnóstica como anterior ao cristianismo, o que, de uma perspectiva ortodoxa, apoiaria a contemporaneidade entre Paulo e o gnosticismo combatido nas pastorais.²⁵ W. Bauer mostra incerteza quanto ao tempo da heresia tratada nas pastorais.²⁶ É importante transpor neste trabalho, as palavras de Georg Kümmel que demonstram sua honestidade em admitir que as características dos falsos doutores das pastorais pendem, fortemente, para um autor do primeiro século:

²⁴ *Idem.* p. 1963.

²⁵ BRUCE, F. F. Mito. In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1. p. 1305.

²⁶ KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 497.

Embora os *falsos doutores adversários sejam gnósticos, não há, entretanto, a menor razão para relaciona-los com os grandes sistemas gnósticos do século II*. Foi repetidamente defendida a hipótese de que a polêmica anti-herética das pastorais seria dirigida contra Marcião ... Esta suposição, entretanto, é desestimulada não somente pela rude oposição de Marcião ao AT e ao judaísmo, mas também pela ausência, nas Pastorais, de qualquer espécie de polêmica contra pontos de vista específicos de Marcião. (Grifo do autor).²⁷

A heresia gnóstica, misto de cristianismo e judaísmo, que as pastorais combatem é, portanto, perfeitamente concebível no tempo de Paulo. (Grifo do autor).²⁸

Mais surpreendente ainda é como se desenvolve a luta contra os falsos doutores. Em evidente contraste com Cl, os pontos de vista dos *falsos doutores não são refutados mediante a confrontação com a pregação de Cristo, mas simplesmente confrontados com a pregação tradicional*, da qual os falsos doutores se desviaram, e à qual todos estão obrigados a aderir ... *Essa ausência é muito mais difícil de explicar pelo fato de não ser Paulo a escrever esta carta.* (Grifo do autor).²⁹

O fato de autores reconhecidos da ala liberal entenderem que o gnosticismo já existia na época do Novo Testamento e de que as Pastorais combatem uma heresia que se assemelha a este, já demonstra a fragilidade de se propor a incompatibilidade de data entre Paulo e as Pastorais.

Hoje, se reconhece que o gnosticismo com elementos judaicos caracteriza melhor a fase inicial deste movimento no século I, corroborando fortemente para uma autoria paulina (cf. 1 Tm 1.6-7; 6.20; Tt 1.10, 14; 3.9).³⁰ O uso freqüente da expressão “conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4; 2 Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1), segundo Ernst Dieter Schmitz, encontra paralelo na apocalíptica judaica de *Etiópe Enoque* e no pseudepígrafo judaico-cristão *Oráculos Sibilinos*,³¹ o que poderia sugerir um uso de tal conceito por Paulo como uma polêmica, opondo-se ao gnosticismo incipiente judaico-cristão.

Além das características da heresia em questão favorecerem uma autoria antiga, elas, ainda, se assemelham ao movimento combatido na carta aos Colossenses, que continha tanto elementos judaicos como ascéticos (cf. Cl 2.4, 6-23; 1 Tm 4.1-5). A doutrina

²⁷ *Idem. Ibid.*

²⁸ *Idem. Ibid.*

²⁹ *Idem.* p. 498.

³⁰ STOTT, John R. *Op cit.* p. 4-5; GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 361-362; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. *In: DOUGLAS, J.D. Op cit.* p. 1620; BRUCE, F. F. Mito. *In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. Op cit.* p. 1303-1304; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 401.

³¹ SCHMITZ, Ernst Dieter. **g i n w s k w.** *In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. Op cit.* v. 1 p.405.

da ressurreição já havia sido defendida contra ataques heréticos por Paulo, na carta aos Coríntios (1 Co 15.12-57; 2 Tm 2.16-18), e era rejeitada pelos gregos (At 17.32).

As evidências acima, portanto, indicam, fortemente, a plausibilidade de época entre Paulo e a heresia tratada nas cartas a Timóteo e a Tito. E, além disso, demonstram que esta contemporaneidade é mais provável do que um período posterior para a escrita das Pastorais.

Ainda, outra discussão que cerca a questão da autoria trata tanto da teologia em si como do vocabulário desta, que dizem ser estranhos a Paulo. Alguns pontos, em especial, devem ser destacados nesta parte introdutória do estudo das Pastorais.³²

A credibilidade destas cartas é colocada em dúvida no que tange aos termos usados para a salvação, para o dom da redenção, para Deus, para Cristo e para o comportamento esperado do cristão que dizem indicar um escritor helenizado e não Paulo. O termo **πιστι** (*pistis* - “fé”), dizem possuir um sentido diferente daquele encontrado nas Epístolas de Paulo e que tem como paralelo outras expressões dentro das Pastorais que denotam uma descrição racional e preocupação extremada com a ortodoxia que não correspondem ao estilo e vocabulário teológicos paulinos, mas implicam em uma data posterior quando a doutrina cristã já era considerada completa.

Levanta-se o questionamento, também, na falta de ênfase da união mística do indivíduo com Cristo, **ἐν Χριστῷ** (*en Christo* - “em Cristo”) e do Espírito Santo. A falta de expectativa vivente do fim e a espera pela morte parecem, segundo alegam, indicar um cristão da cristandade primitiva tardia. Além do que, a ausência de discussões doutrinárias, freqüentemente encontradas nas epístolas paulinas, corrobora, dizem, para esta hipótese.

A princípio, algumas considerações gerais precisam ser enfatizadas, as quais já foram comentadas na “Questão Lingüística” deste capítulo, mas que merecem destaque mais cuidadoso aqui.

³² No que se refere à perspectiva de questionamento quanto à autenticidade com base na teologia ver KÜMMEL, Werner Georg. *Op cit.* p. 501-503; DIBELIUS, Martin. *Die Pastoralbriefe In: Handbuch zum Neue Testament.* 3 ed., revisada por H. Conzelmann, Tübingen, 1955; SCOTT, E. F. *The Pastoral Epistles. In: The Moffatt New Testament Commentary.* Londres, 1936.

Primeiramente, destinatários, situações e datas diferentes requerem ênfases e até vocabulário distintos. O fato de Paulo estar se dirigindo a companheiros de ministério que já conheciam o evangelho pregado por ele, dispensa a necessidade de tratar a respeito de questões doutrinárias como o fez nas cartas a igrejas, onde o trabalho missionário do apóstolo estava tendo sua continuidade por meio da compreensão mais ampla acerca das verdades do evangelho. Esta percepção de que destinatários diferentes implicará em ênfase tanto quanto estilo dessemelhantes é crucial. Até porque uma carta pessoal é escrita de maneira distinta de uma carta pública. É importante, então, destacar esta mesma percepção dada por comentaristas das Pastorais:

Dirigidas [as Pastorais] a um indivíduo, sua divergência em relação a epístolas dirigidas a igrejas tem seu paralelo nas diferenças entre as cartas de Inácio à Igreja de Esmirna e ao seu bispo, Policarpo.³³

Os leitores das Epístolas Pastorais de Paulo eram diferentes daqueles de quaisquer outras epístolas. Timóteo e Tito foram intimamente ligados à vida e idéias de Paulo durante quinze a vinte anos. Não deveríamos, portanto, ficar surpresos se Paulo preferisse falar em linguagem e estilo diferentes daquele que usou dirigindo-se às igrejas. Paulo estava encorajando e exortando seus filhos na fé, e não corrigindo igrejas...³⁴

A ausência de grandes discussões doutrinárias paulinas, que são encontradas nas primeiras Epístolas suas ... têm dado lugar a outras dúvidas acerca da autoria paulina. Entretanto, o reconhecimento do caráter principalmente pessoal dessas missivas e o conhecimento que tanto Timóteo como Tito já haviam recebido o ensinamento principal de Paulo, é suficiente pra explicar a primeira dessas objeções ...³⁵

A segunda observação que necessita ser feita é a de que a diferença de vocabulário e ênfase pode ser entendida como uma resposta ao contexto em que se encontravam tanto o autor quanto os destinatários. O uso de um vocabulário semelhante àquele usado para descrever as virtudes cardeais do estoicismo (cf. Tt 2.12) e a descrição da piedade em termos da auto-suficiência estóico-cínica (1 Tm 6.6-8) favorece a autenticidade, no sentido de que Paulo usa uma linguagem semelhante à de seus oponentes que, como apresentados acima, defendiam o ascetismo (1 Tm 4.1-5) e, muito provavelmente, eram influenciados pela filosofia estóica. Ele usa tal linguagem e a adapta dentro do ensino cristão, dando novo sentido a elas, como uma polêmica ao ensino deles. Tal maneira de lidar com os

³³ EDITORA PAULUS. *Op cit.* p. 1963.

³⁴ WALLIS, Wilbur B. 1 e 2 Timóteo, Tito. *In: HARRISON, Everett (Edit.). Op cit.* p. 248-249.

³⁵ GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. *In: DOUGLAS, J.D. Op cit.* p. 1620.

adversários da verdadeira doutrina é recorrente em Paulo, como é evidente o uso da palavra **sofi va** (*sofia* - “sabedoria”) em 1 Coríntios 1-3 e a idéia de “justificação” em Gálatas.³⁶

O próprio uso do termo “conhecimento da verdade” (1 Tm 2.4; 2 Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1) pode indicar, também, uma polêmica, como já dito anteriormente neste trabalho. O próprio uso de termos helenistas tanto para Deus Pai como para Cristo e para a conduta cristã, se derivam, ainda, do culto ao imperador que, cada vez mais, Paulo tomava consciência, usando os termos próprios a este culto para suas finalidades.³⁷

Ainda, faz-se mister lembrar que a mudança de um amanuense na escrita das pastorais contribue para um vocabulário diferente.³⁸ As evidências favorecem o uso constante de secretários por parte de Paulo, como se pode perceber na referência a Tércio em Romanos 16.22, na carta a Filemom (Fm 19) e na despedida em outras cartas suas (1 Co 16.21; Cl 4.18; 2 Ts 3.17). Há evidências, até mesmo, em Cícero, ao usar dois diferentes amanuenses, com estilos de ditado distintos, quando seus propósitos diferiam.³⁹

Não se pode negar que o evangelho encontrado nas Pastorais é essencialmente paulino. A condição humana sem Cristo é a de pecaminosidade e rebelião contra Deus (1 Tm 1.9-10, 13, 15; 2 Tm 3.2-5; Tt 3.3) e não há remédio humano para esta condição (1 Tm 1.13-16; 2 Tm 1.9; Tt 3.3, 5). Por isso, Deus agiu na história humana com misericórdia (1 Tm 1.13-16; 2 Tm 1.9-10; Tt 3.3-7), e isto se deu por meio da morte de Cristo, que pelo seu auto-sacrifício garantiu aos salvos a redenção, sem qualquer mérito humano (1 Tm 2.5-6; Tt 2.14; 3.5, 7). O alcance da salvação é universal, incluindo gentios como judeus (1 Tm 2.3-7; 4.10), mas somente se torna eficaz na vida daqueles que crêem (1 Tm 1.16; 4.10). A graça da salvação deve produzir na vida do crente, obediência a Deus em amor e boas-obras (1 Tm 1.5; 2.15; Tt 2.11-12, 14; 3.8, 14). Todo este ensino está em perfeita consonância com aquele que se encontra nas demais cartas de Paulo.

³⁶ Ver FEE, Gordon D. *1 e 2 Timóteo, Tito*. Deerfield, Florida, E.U.A: Vida, 1994. p. 27-30.

³⁷ Ver KELLY, J.N.D. *Op cit.* p. 27.

³⁸ GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 360-361; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1619; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 399; KELLY, J.N.D. *Op cit.* p. 32-34.

O uso de “Pai” para designar Deus ocorrendo somente nas suas saudações de abertura e o aparente senso de distância de Deus que alegam ocorrer nas Pastorais, podem ser solucionados com o fato deste termo “Pai” ocorrer pouquíssimas vezes no corpo da carta aos Romanos (Rm 6.4; 8.15; 15.6) como na de 1 Coríntios (8.6; 15.24) que são cartas bem mais extensas e com uma exposição teológica mais extensa. Ao passo que o senso de distância de Deus é incompatível do retrato que Paulo faz de Deus como Salvador que deseja a salvação de todos os homens (1 Tm 2.4) por ser Bondoso e Misericordioso (2 Tm 1.9; Tt 3.4).

O sentido objetivo de “fé” nestas epístolas, pode ser encontrado, também, em outras cartas de Paulo (e.g. Fp 1.27; Cl 2.7), como ainda, a idéia de “fé” ligada à religião pessoal que é mais comum nas demais, aparece nas Pastorais (1 Tm 1.16; 3.13; 2 Tm 3.15). O uso da expressão **ej n Cristw'** / (*en Christo* **Ð** - “em Cristo”) por mais que não seja dominante nas Pastorais é pressuposta em textos como 1 Timóteo 1.14 e 2 Timóteo 1.9, 13.

Por fim, nada nestas cartas difere da escatologia paulina. A presente apostasia é vista, como em outra carta, sinal do Fim (1 Tm 4.1, 2; 2 Tm 3.1; 2 Ts 2.3-12). A perseverança diante do sofrimento e a espera da segunda vinda, andam lado a lado como se vê alhures (1 Tm 6.12-14; 2 Tm 1.12; Rm 8. 17-30; 2 Co 4.14-18). Por mais que Paulo seja realista diante da alta probabilidade de sua morte iminente, ele ainda pode falar daqueles que amam a vinda de Cristo (2 Tm 4.6-8) uma perspectiva “ambivalente” muito semelhante àquela que encontramos em Filipenses (Fp 1.18-26; 3.12-14, 20-21).

De modo claro, então, fica demonstrada a compatibilidade entre Paulo e as Pastorais no que tange à natureza teológica destas cartas. Nada há que possa desmerecer ou desacreditar a verdadeira autenticidade destas epístolas.

2.5. Conclusão

É cabal, portanto, o fato de que atribuir uma outra autoria para as Pastorais que não a do apóstolo Paulo significa incorrer num erro promovido por preconceitos e não, pela observação objetiva dos fatos. No mais, algumas perguntas precisam ser feitas. Um

³⁹ FEE, Gordon D. *Op cit.* p. 42.

admirador de Paulo iria se referir a ele como o principal dos pecadores (1 Tm 1.15)? E lembraria que, vários anos depois, o apóstolo havia sido “perseguidor e insolente” (1 Tm 1.13)? Por que diria que, numa hora tão crítica, não houve ninguém que ficara ao lado do grande Paulo (2 Tm 4.16)?

Sendo assim, o presente autor mostrará a relevância das Pastorais para orientar o trabalho daqueles que Deus tem colocado no cuidado de Seu rebanho, crendo na autenticidade apostólica e autoridade divina destas cartas (2 Tm 3.16), reconhecendo-as, portanto, como absolutas para a formulação de uma filosofia pastoral devido, especialmente, às evidências claramente expostas neste capítulo.

3. INTRODUÇÃO HISTÓRICO-TEOLÓGICA DAS CARTAS PASTORAIS

Enquanto escritos apostólicos, 1 e 2 Timóteo e Tito, demonstram sua origem e autoridade supremas. Todavia, não se pode ignorar que foram endereçadas a indivíduos que não possuíam uma função apostólica, mas sim, homens que tinham a responsabilidade de cuidar de igrejas locais, dando continuidade ao trabalho cuja base estava sendo lançada pelos apóstolos (Ef 2.19-21; 3.4-7).

Deste modo, o entendimento correto da situação que cercava tais epístolas auxiliará na percepção de sua importância e relevância para o pastor de todas as épocas, até mesmo, para o pastor moderno, não limitando seu ensino e aplicabilidade ao período apostólico, mas transcendendo a este.

Portanto, se fará uma análise do contexto que acompanhava cada carta, observando o local de autoria, a data, o destinatário, a ocasião que se achava como pano de fundo das epístolas e o propósito delas.

3.1. Primeira Carta a Timóteo

Devido à falta de maiores informações, até mesmo da própria carta, não se pode afirmar com segurança o local da escrita. A maioria dos comentaristas tem optado pela Macedônia como a região mais provável, e, talvez, na cidade de Filipos.⁴⁰ Esta possibilidade se encontra em 1.3ss, quando Paulo diz: “Quando eu estava de viagem, rumo da Macedônia,

⁴⁰ Ver HENDRIKSEN, William. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 57; CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 399; BULLINGER, E.W. *Estructuras y notas a las epístolas del apóstol Pablo*. The Companion Bible, 1922. p. 23; CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Timothy*. [n.l.], 2005. (Extraído de soniclight.com). p. 2.

te roguei permanecesses ainda em Éfeso para admoestares a certas pessoas a fim de que não ensinem outra doutrina ... Ora o intuito da presente admoestação... ”. Ainda, assim, continua sendo uma alternativa, não uma clara evidência da localidade da redação.⁴¹

Como demonstrado no segundo sub-ponto do capítulo anterior, a Epístola de 1 Timóteo tanto quanto as demais Pastorais se encontram no período de vida de Paulo que sucedeu seu primeiro aprisionamento. Não cabe ao presente autor pormenorizar o roteiro missionário do apóstolo antes de ser novamente detido e, então, morto na perseguição levantada por Nero. Todavia, é possível postular uma data para a carta, tendo em vista sua soltura da primeira prisão cerca do ano 62 A.D. e o testemunho de Eusébio da morte do apóstolo como sendo em 67 A.D.⁴² Ela deve ter sido escrita entre 63-66 A.D.⁴³

É certo o fato de que Timóteo fora o destinatário da epístola (1.2). Por mais que Calvino proponha um grupo maior de destinatários, além de Timóteo,⁴⁴ isso não se faz necessário. A carta possui tons pessoais e sempre dirigidos à segunda pessoa do singular. A expressão “A graça seja convosco” (6.21) não exige um grupo maior de destinatários, apenas aponta o desejo de Paulo que a graça de Deus estivesse sobre Timóteo e sobre a igreja que lhe fora confiada.⁴⁵ Timóteo era filho de mãe judia e pai grego, e morava na região de Derbe e Listra (At 16.1). Passou a acompanhar Paulo a partir de sua Segunda Viagem Missionária (At 16.3). Era jovem (1 Tm 4.12; 2 Tm 2.22) e, possivelmente, devido a isso, o apóstolo se preocupava em que ele não se deixasse vencer pelo medo e nem que outros o fizessem temer (2 Tm 1.6, 7; 1 Co 16.10).

É sabido que Paulo havia deixado Timóteo em Éfeso com o propósito de promover a observância da sã doutrina na igreja, corrigindo os ensinoss errados de falsos

⁴¹ Ver CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 2.

⁴² CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 412; KEATHLEY, J. Hampton. *Las Epístolas Paulinas.* (extraído de www.bible.org).

⁴³ CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Op cit.* p. 412; KEATHLEY, J. Hampton. *Op cit.*; CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Timothy.* [n.l.], 2005. (Extraído de soniclight.com). p. 2; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 57; WALLACE, Daniel B. *1 Timothy: Introduction, Argument, Outline.* (Artigo extraído de www.bible.org). p. 7.

⁴⁴ CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 5.

⁴⁵ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 266-267.

mestres e, assim, promovendo o verdadeiro serviço a Deus (1.3, 4). Aqui, percebe-se a continuidade íntima do trabalho missionário e pastoral. Paulo havia implantado igrejas em Éfeso e se encontrava preocupado com que essas igrejas que tiveram início por meio de seu ministério, permanecessem crentes e fiéis ao verdadeiro evangelho. O problema de ensinamentos errados era claramente comum naquele lugar. A ênfase constante nisso durante grande parte da epístola fica nítida (cf. 1.5-11; 4.1-5; 6.3-5).

Timóteo era jovem e, sem dúvida, isso facilitava o desrespeito por parte daqueles que não estavam dispostos a ouvir e se submeter à sã doutrina (4.11-14). Havia a necessidade de ajustes no culto público (2.1-14), designar pessoas para a liderança e ministérios específicos dentro da igreja (3.1-16; 5.3-16), orientar quanto ao tratamento com aqueles que se ocupariam com o pastoreio da igreja (5.17-25), orientar grupos específicos (2.9-10; 6.1-2, 17-19) e, por fim, lembrar Timóteo da importância de uma vida piedosa e de sua responsabilidade de cuidar do rebanho que estava em suas mãos (1.3-5; 4.6-16; 6.6-16).

Isto posto, o propósito da carta poderia ser delineado como sendo o de exortar Timóteo à preservar, ensinar e viver a sã doutrina, conduzindo pessoas ao conhecimento e prática da verdade, num contexto onde se difundiam ensinamentos errados que poderiam prejudicar tanto a Timóteo quanto à igreja que com ele se encontrava.

3.2. Segunda Carta a Timóteo

Esta é, indubitavelmente, a última carta paulina que encontramos no Cânon. Muito provavelmente, Paulo achava-se em Roma num aprisionamento bem diferente daquele que é descrito em Atos. Primeiramente, porque somente depois de muita busca que Onesíforo encontrou Paulo na prisão em Roma (2 Tm 1.16-17), enquanto que em Atos ele tinha a sua própria casa onde permanecia preso e as pessoas iam ao seu encontro (At 28.30-31). A possibilidade de morte era iminente (2 Tm 4.6-8), ao passo que no aprisionamento anterior, tinha grandes possibilidades de ser solto e ele mesmo acreditava nisso (At 25.25; 26.32; 28.30; Fp 1.19-25; 2.23-24; Fm 22). Pode-se datar a carta entre 66-67 A.D., já que o

juízo preliminar havia acontecido (2 Tm 4.16-18)⁴⁶ e a tradição nos informa que a morte do apóstolo se deu pouco antes do suicídio de Nero que ocorreu em Junho de 68 A.D.⁴⁷

Por mais que o texto não nos diga em que cidade se encontrava Timóteo, é bem possível que este ainda estivesse em Éfeso. Pois, Timóteo estava ciente de que todos os da Ásia haviam abandonado a Paulo (1.15), ele sabia bem dos serviços que Onesíforo havia prestado ao apóstolo em Éfeso e estava próximo a ele, a ponto de poder comunicar as saudações do apóstolo à sua família (1.18; 4.19). Ainda, seria natural que Áquila e Priscila voltassem a Éfeso dentro da grande perseguição iniciada por Nero, como já haviam vivido naquela cidade (4.19; cf. At 18.2, 18-19, 24, 26; 1 Co 16.19) e a heresia descrita em 2.14-18 se assemelha à de 1 Timóteo e que foi muito comum na Ásia Menor.⁴⁸

A ocasião que cerca esta epístola é, sem dúvida, a proximidade da morte do apóstolo e as dificuldades que compunham este momento (4.6-18). Timóteo precisava de encorajamento para permanecer fiel à verdade e preservá-la num meio hostil à sã doutrina e onde a mentira se espalhava (1.6 – 4.8).

Diante disto, o propósito da epístola poderia ser resumido no pedido de que Timóteo estivesse ao lado de Paulo em seus últimos dias (1.4-5; 4.9-18) e no chamado à fidelidade e preservação da verdade diante do crescimento da oposição a ela.

3.3. Carta a Tito

Novamente, como em 1 Timóteo, o local da escrita é incerto. Alguns postulam a possibilidade da Macedônia, colocando-a na mesma época que 1 Timóteo⁴⁹ ou em Nicópolis (cf. Tt 3.12).⁵⁰ Como os indícios corroboram para o fato de que Paulo estava em

⁴⁶ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 5; GUTHRIE, Donald. Timóteo e Tito, epístolas a. In: DOUGLAS, J.D. *Op cit.* p. 1618.

⁴⁷ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 1.

⁴⁸ Ver *Idem.Ibid*; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 59, 60

⁴⁹ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 57, 58; STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 5, 6.

⁵⁰ GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 366.

liberdade, uma data entre 63-66 A.D. é bem provável, já que os dados da epístola requerem uma data após o primeiro aprisionamento romano.

Tito a quem Paulo se dirige (1.4) não é mencionado uma vez sequer no livro de Atos. Somente em Gálatas é sabido que acompanhou o apóstolo quando foi à Jerusalém para falar a respeito de sua missão entre os gentios (Gl 2.1-3). Era grego (Gl 2.3) e um grande cooperador do apóstolo Paulo, foi de especial importância numa época de tensão que o apóstolo viveu com a igreja de Corinto (cf. 2 Co 2.12, 13; 7.6-7, 14-16; 8.6, 16ss; 12.18).

Paulo deixara Tito em Creta e o incumbira de colocar em ordem o que faltava, incluindo a eleição de presbíteros (Tt 1.5). Ali havia a necessidade de lutar contra o ensino mentiroso, especialmente de judaizantes (1.10-16; 3.9-11). Era preciso dar ênfase em um viver piedoso para as mais diferentes situações de vida (2.1-15) e lembrar a importância do testemunho cristão no meio de uma sociedade perversa e carente da graça de Deus (3.1-8). Além disso, Paulo queria que Tito fosse ter com ele em Nicópolis e que auxiliasse na continuidade da jornada de Zenas e Apolo (Tt 2.12, 13).

Sendo assim, a carta tem como propósito maior alertar Tito quanto aos falsos mestres e exortá-lo a guiar a igreja numa vida de piedade em conformidade com a sã doutrina.

3.4. Conclusão

Após observar o contexto que cercava cada carta, é perceptível a similaridade das situações nas quais Timóteo e Tito interagiram com as que pastores, em todas as épocas, enfrentaram e enfrentam. Combater ensinos errados que são difundidos, orientar a igreja quanto à funcionalidade da comunidade e conduzir o rebanho à piedade conforme a sã doutrina continuam sendo os principais desafios do pastor, hoje. Somado a isso, há o princípio de que a Escritura inspirada é útil para tornar o crente capaz para toda a boa obra (2 Tm 3.16, 17). Portanto, não resta dúvida quanto à relevância das Pastorais para o ministério moderno.

4. QUALIDADES CRISTÃS A SEREM DESENVOLVIDAS PELO PASTOR

Há a ênfase constante nas Pastorais de que Deus iniciou uma obra de salvação na vida de Seu povo, a qual é continuada no dia-a-dia deste. A graça de Deus fora manifesta aos eleitos, a fim de conduzi-los ao abandono da impiedade e paixões mundanas e à prática da sensatez, justiça e piedade, enquanto aguardam a salvação completa na revelação de Jesus Cristo (Tt 2.11-13). O cultivo da prática de boas obras é, portanto, o desenvolvimento do propósito da obra salvífica de Cristo (Tt 2.14).

Todavia, a vida de santidade não é automática e sem dificuldades. Existe a necessidade de que o povo de Deus seja, insistentemente, exortado a se empenhar em praticá-la (2 Tm 4.1-2; Tt 3.8). Assim, também, ocorre com aqueles que lideram a igreja. Foram alcançados pela graça (1 Tm 1.12-17; 2 Tm 1.8-10) e precisam exercitar-se na piedade (1 Tm 4.7-8; 2 Tm 2.1).

Deste modo, o pastor não pode ser visto como alguém completo em sua vida cristã, incapaz de cometer erros; e sim, como um crente que, juntamente com a igreja, desenvolve sua salvação, orientado pela verdade do evangelho (2 Tm 3.14-17). É óbvio, entretanto, a recorrência nas Pastorais de que aquele que modera o rebanho deve ser **τυπος** (*typos*), ou seja, “modelo” (1 Tm 4.12-16; Tt 2.7-8). Pois, o cuidado do ministro com a própria vida o autoriza a ensinar (1 Tm 4.11-13) e é de importância tanto para o desenvolvimento de sua própria salvação quanto para o do rebanho (1 Tm 4.16). Uma vida que caminha na direção de ser modelo faz calar qualquer intenção de difamar o evangelho (Tt 2.7-8).

Tendo em vista tais premissas, este capítulo se ocupará em analisar as qualidades que o pastor deve desenvolver como parte do povo de Deus e como alguém que está colocado como líder deste povo, buscando ser padrão para aqueles que crêem. O texto da

presente análise se dará em 1 Timóteo 3.1-7, onde se encontra forte ênfase nas qualidades daqueles sobre quem está confiado o cuidado do rebanho de Cristo.

4.1. Uma Proposta Filosófica a Partir da Exegese de 1 Timóteo 3.1-7

Primeiramente, o autor se concentrará em entender o texto de 1 Timóteo a partir da compreensão sintática, gramatical e literária de ambos. A abordagem histórica será observada, de acordo com o que já fora exposto no terceiro capítulo. A partir do texto se fará uma proposta de filosofia acerca dos adjetivos cristãos a serem trabalhados pelo pastor.

Não se pode ignorar a parte que cabe ao presente texto dentro da estrutura literária maior de 1 Timóteo. Os trabalhos de Eugene Peterson nesse sentido chamam a atenção do presente escritor, tanto em sua análise do livro de Salmos quanto do livro de Lamentações.⁵¹ Como ele próprio afirmou em sua abordagem de Lamentações: “A forma do livro tem uma função, e o estilo literário é tão importante quanto o conteúdo”.⁵² Da mesma forma, as epístolas possuem uma ordem e ligação lógicas. O trecho de 1 Timóteo 3.1-7 não ocorre dentro de um vácuo, mas como seqüência e complementação daquilo que Paulo vem falando e possui forte conexão com o final do capítulo 2. Este é um conceito básico de interpretação de epístolas e que fora destacado por Gordon D. Fee em seu livro de referência na área de hermenêutica.⁵³ Como bem assinalou o Dr. Constable: “Ele [Paulo] abordara a questão da mulher e a liderança em 2.11-15, e agora, ele se volta para a questão do homem e a liderança”.⁵⁴ Calvino percebe, também, a ligação existente entre o final do capítulo 2 e o começo do 3.⁵⁵

Isto posto, é possível indicar que ao proibir a posição de autoridade e de mestre para a mulher na igreja de Deus e de fazê-lo com fundamentos teológicos, não meramente devido à ocasião (2.11-15), agora, mostra quem deve ocupar tal posição de

⁵¹ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000. p. 47-57; PETERSON, Eugene. *O pastor que Deus usa*. Rio de Janeiro: Textus, 2003. p. 144-152.

⁵² *Idem*. p. 144.

⁵³ FEE, Gordon D., STUART, Douglas. *Entendes o que lês?*. São Paulo: Vida Nova, 1 984. p. 38-42.

⁵⁴ CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 32. (Tradução do autor).

⁵⁵ CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 38.

autoridade e ensino na assembléia (3.1-7). Os próprios termos **ej pi sk oph v** (*episkope*) (3.1) e **ej pi vsk opo"** (*episkopos*) (3.2) indicam esse trabalho de supervisor e somados à referência de que este deve ser “capaz de ensinar” (3.2), coadunam para evidenciar esse contraste literário que fornece o princípio da liderança masculina quanto ao pastoreio da igreja, pois este deve ser “homem” (3.2). Não qualquer homem, mas alguém que tem crescido nas virtudes cristãs como o texto deixa evidente.

v. 1 - Fiel é a palavra: se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja.

O texto inicia com uma frase bem comum às Pastorais, “Fiel é a Palavra”. Esta afirmação aponta para a verdade solene de algo que o apóstolo acabara de dizer ou que irá falar (ver 1 Tm 1.15; 4.9; 2 Tm 2.11; Tt 3.8). A “palavra fiel” é de acordo com a doutrina (Tt 1.9). As ocorrências desta expressão associadas ao conteúdo a que se referem e somados a este uso em Tito 1.9 trazem como significado a asseveração de um importante e fundamental princípio do evangelho.

O desafio neste texto é discernir se a verdade confirmada com esta frase se encontra antes⁵⁶ ou depois⁵⁷ dela. As outras duas ocorrências nesta epístola, cada uma traz um caso distinto. Em 1.15, é bem provável de que seja a fórmula introdutória para o que vem a seguir. Já em 4.9, se refere ao que vem anteriormente e que dava razão para a labuta e esforço daqueles que serviam a Deus (4.10).

Como bem destacou Daniel B. Wallace, a seleção de supervisores era uma resposta à influência de falsos mestres na igreja que poderiam ter ocupado tal posição até o retorno de Paulo a Éfeso (cf. 1.3-11; At 20.29, 30).⁵⁸ É claro que Paulo ressalta o caráter cristão do pastor, mas o faz em forte contraste com aqueles que desejavam ocupar a posição de ensino na igreja e não se submetiam à verdade do evangelho. Adjetivos como “capaz de ensinar” (3.2; cf. 1.7), “não irascível” (3.3; cf. 1.4; 6.20, 21), “não amante do dinheiro” (3.3; cf. 6.3-10), “ter bom testemunho dos que são de fora” (3.7; cf. 5.20-25) demonstram essa

⁵⁶ WALLIS, Wilbur B. 1 e 2 Timóteo, Tito. In: HARRISON, Everett (Edit.). *Op cit.* p. 257.

⁵⁷ CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 38; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 32; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p.149.

⁵⁸ Ver WALLACE, Daniel B. *Op cit.* p. 9.

preocupação do apóstolo com o ofício de supervisor de uma comunidade cristã local. Além disto, a construção sintática de 1 Timóteo 3.1 se assemelha muito com 2 Timóteo 2.11, onde encontramos a mesma seqüência “Fiel é a Palavra” seguida da conjunção condicional “se” e ali, a expressão recorrente “Fiel é a Palavra” aponta para o conteúdo que vem a seguir. Portanto, é mais razoável entender que a asseveração no começo do capítulo 3 da Primeira Carta a Timóteo se direciona ao conteúdo que a sucede, visto que Paulo deseja enfatizar a seriedade e sublimidade da tarefa de cuidar da igreja de Deus.

As orações “se alguém aspira ao episcopado, excelente obra almeja” se encontram dentro das orações subordinadas condicionais. Dentro deste grupo, as do texto em análise expressam uma condição real.⁵⁹ Não que seja certo o cumprimento da oração subordinada, mas no caso de ocorrer, o fato expresso pela oração principal, também, será uma realidade. Portanto, no caso em que houvesse pessoas desejosas em servir a Deus e Sua igreja como líderes, deveriam ter a consciência que tal ofício era bom, nobre, sublime. Como já fora dito, “O que se descreve como *excelente* ou *nobre* (‘boa obra’) é o ofício e não esforço” (Grifo Próprio).⁶⁰ Deste princípio, decorre a menção às qualidades nobres que devem ser manifestas naqueles que anseiam por ele.

Aqui é necessário um cuidado maior na observação do que significava “episcopado” (3.1) e “bispo” (3.2), avaliando se dentro destes termos havia o conceito de um “pastor”, posto para cuidar e liderar o rebanho.

É quase unânime que ambos os substantivos, o primeiro determinando a função e o segundo, aquele que exerce tal função, relacionem-se com o trabalho pastoral.⁶¹ O léxico de Strong define “episcopado” como sendo “investigação, inspeção, visitação: aquele ato pelo qual Deus examina e sonda os caminhos, prescrua (*sic!*) o caráter dos homens, a fim de decidir o seu destino, seja alegre ou triste” e, ainda, como “supervisão: ministério de supervisão, ofício, cargo, ofício de um ancião; supervisores ou dirigentes de uma igreja

⁵⁹ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos para a exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 77-83; REGA, Lourenço Stelio, BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004. p. 304-309.

⁶⁰ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p.149.

⁶¹ LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 294-295; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 32; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 150; CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003. v. 3-4. p. 505-506.

cristã”; e “bispo” como “supervisor: pessoa encarregada de verificar se aqueles sob a sua supervisão estão fazendo corretamente o que têm que fazer, curador, guardião ou superintendente; superintendente, líder, ou supervisor (*sic!*) de uma igreja cristã”.⁶² Da mesma forma, Gingrich descreve o primeiro como “visitação: favorável ou não”, “posição ou ofício de supervisor, episcopado” e o segundo, “supervisor, superintendente; guardião”.⁶³ O Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento (DITNT) favorece tais traduções, também:

episkope **Ε** se acha 4 vezes : Lc 19:24 (*sic!*) e 1 Pe 2:12 (para o dia ou momento de visitação, ou confrontação com o Senhor em julgamento ou salvação); At 1.20 (uma citação da LXX); 1 Tm 3:1 (como título do ofício apostólico ou episcopal). Embora *episkopos* haveria de ser tão importante, aparece apenas 5 vezes no NT, em quatro ocasiões com referência ao líder da comunidade (At 20:28; Fp 1:1; 1 Tm 3:2; Tt 1:7), enquanto 1 Pe 2:25 se refere a Cristo como o Protetor das almas.⁶⁴

É evidente, portanto, que “episcopado” precisa ser vista não em seu sentido majoritário no Novo Testamento, indicando uma intervenção divina na história humana (Lc 19.44; 1 Pe 2.12), e sim, condicionada ao seu contexto, especialmente em ligação com “bispo”. Em Atos 1.20 a palavra assume nuance parecida com a de 1 Timóteo 3.1. Ali, também, indica um encargo, porém, de caráter distinto. No livro de autoria de Lucas, o contexto esclarece que o ofício deveria ser ocupado por alguém que acompanhara Cristo desde seu batismo até sua ressurreição, tornando-se *apóstolo* no lugar de Judas (At 1.20-22). Já em Paulo, as exigências do encargo eram diferentes, isso se mostra por sua estrita conexão sintática com “bispo”, realizada pela partícula pospositiva de sentido inferencial “portanto”, “conseqüentemente” (cf. 1 Tm 3.1, 2). Sendo assim, Coenen erra ao inferir o significado do uso da palavra em 1 Timóteo como “título do ofício *apostólico*”,⁶⁵ pois as características necessárias em Atos para assumir o posto apostólico não são sequer mencionadas em 1 Timóteo 3.1-7.

⁶² STRONG, James. Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. In: BÍBLIA ONLINE: módulo avançado, versão 3.0 (CD ROM). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002. verbete 1984.

⁶³ GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 83.

⁶⁴ COENEN, Lothar. Bispo, Presbítero, Ancião. In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. 1. p. 222.

⁶⁵ *Idem. Ibid.*

Ladd acerta ao perceber uma íntima ligação entre o trabalho do “bispo” e o pastoreio da igreja, por mais que o faça de modo bem superficial.⁶⁶ Os usos desta palavra em escritos não paulinos se encontram em Atos 20.28 e 1 Pedro 2.25. O primeiro texto é um discurso paulino na despedida dos anciãos de Éfeso. Ali o “bispo” tem por função cuidar e pastorear o povo de Deus. Na outra passagem (1 Pe 2.25) o “bispo” aparece ao lado de “pastor”, sendo basicamente uma expressão paralela, indicando Cristo como aquele que se preocupa tanto quanto dirige a vida de Sua igreja.⁶⁷ As ocorrências nas cartas de Paulo caminham em sentido parecido com as outras duas. Em Filipenses 1.1, a palavra ocorre ao lado de “diáconos” que juntos formavam um grupo específico dentro da igreja, muito provavelmente, de liderança eclesiástica. Essa mesma ligação ocorre em 1 Timóteo no presente texto e nos versos que o sucedem (vv. 8-13), delimitando a liderança da igreja. É bem provável que por mais que ambos, “bispos” e “diáconos”, tivessem esse trabalho de estar à frente, cada grupo possuísse funções distintas. Os “bispos” se preocupavam com a supervisão e ensino do rebanho, já os “diáconos” eram responsáveis pelo serviço social (cf. 1 Tm 3.2, 5; Tt 3.9; At 6.1-7). Todavia, não é o propósito do presente trabalho delimitar as distinções de função entre os dois.⁶⁸

Há, ainda, mais um aparecimento da palavra “bispo” em Tt 1.7, onde se encontra um claro paralelo com “presbítero” (cf. Tt 1.5), paralelo que já fora destacado em Atos 20.17, 28. Qualidades semelhantes às de 1 Timóteo são tratadas (cf. Tt 1.5-9). Especialmente a capacidade para ensinar (cf. Tt 1.9).

É evidente, portanto, que o “bispo” exerce a liderança da igreja (Fp 1.1), assumindo o trabalho pastoral de zelar por ela, supervisionando-a (1 Tm 3.5) mediante o ensino da sã doutrina (Tt 1.9), protegendo as ovelhas e corrigindo aquelas que se distanciam do supremo Pastor (At 20.28; 1 Pe 2.25).

⁶⁶ LADD, George Eldon. *Op cit.* p. 294-295.

⁶⁷ Ver MUELLER, Ênio R. *1 Pedro: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1988. p. 171, 172; COENEN, Lothar. Bispo, Presbítero, Ancião. *In*: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 1. p. 222-223.

⁶⁸ Para comentário sobre o assunto, ver CHAFER, Lewis Sperry. *Op cit.* v. 3-4. p. 505-506; HESS, K. Servir, diácono, adoração. *In*: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 2. p. 2341-2346; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 164-172.

v. 2 - *É necessário, portanto, que o bispo seja irrepreensível, esposo de uma só mulher, temperante, sóbrio, modesto, hospitaleiro, apto para ensinar;*

Como já dito nesta obra, a partícula pospositiva “portanto” liga a sublimidade da obra episcopal ou pastoral com a *necessidade* de que qualidades sublimes sejam, de igual modo, observadas naqueles que exercem tal trabalho. Daí a locução verbal “é necessário” ou “deve-se”.

A primeira virtude que deve ser parte da vida daqueles que anseiam o ministério pastoral é “irrepreensível”. O significado básico é “que vive em coerência com a conduta cristã” (cf. 1 Tm 5.7). É debaixo dela que todas as outras qualidades descritas no texto se encontram. Na verdade, estas descrevem o que vem a ser “irrepreensível”.⁶⁹ Por mais que não seja a mesma palavra grega usada em Tito 1.6, 7, onde, também, se descreve o caráter irrepreensível do pastor, certamente, possui a mesma idéia.⁷⁰

A expressão “esposo de uma só mulher” é, indubitavelmente, o maior objeto de discussão do texto nos debates modernos. Esta mesma expressão aparece nas qualidades do pastor ou presbítero de Tito 1.6, com uma pequena variação do substantivo “esposo”, pois em Timóteo se encontra no acusativo, ao passo que em Tito está no nominativo. Tal variação não muda em nada a igualdade do significado da frase em ambos os textos. Faz-se mister, ainda, assinalar que a ênfase de Paulo pela própria sintaxe do texto não se encontra no “seja esposo”, mas sim, no “de uma só mulher”. Portanto, os requisitos para o ministério pastoral pressupõem a possibilidade de que o líder seja casado, não que tenha a necessidade de o ser.⁷¹

Várias possibilidades de interpretação têm sido apontadas para esta frase.⁷² É possível ver nesta expressão várias nuances contidas que não são, necessariamente,

⁶⁹ Ver o mesmo entendimento em CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 34.

⁷⁰ CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 40; JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. *in:* JUNIOR, John MacArthur. *Ministério Pastoral: alcançando a excelência no ministério cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, [n.d.]. p. 100.

⁷¹ Ver *Idem.* p. 103; CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 40-41; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 153; LUTERO, Martín. *Comentario sobre la Epístola San Pablo a Tito*. (Extraído de www.gracia soberana.com). p. 10-12; JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. *in:* JUNIOR, John MacArthur. *Op cit.* p. 101; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 34; KEATHLEY, J. Hampton. *Qualifications for the evaluation of elders and deacons*. (extraído de www.bible.org). p. 10.

⁷² Ver a exposição de várias delas em CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 34-37.

excludentes. Calvino entendia que a limitação de que o pastor pudesse ter apenas uma mulher se dava pelo fato do costume polígamo tanto de gregos quanto de judeus.⁷³ Outros apontam para a impossibilidade de um recasado assumir o ofício episcopal.⁷⁴ Dentro disso, varia-se desde os que crêem que nem mesmo um viúvo que tenha se casado possa assumir o cargo e aqueles que vêem a limitação apenas aos que se divorciaram e casaram novamente.

MacArthur e Keathley percebem a ênfase desta frase na fidelidade conjugal, indicando alguém que é fiel à sua esposa, não se envolvendo em qualquer caso extraconjugal com uma outra mulher.⁷⁵ John MacArthur chega a uma posição extrema e, até mesmo, inconsistente ao afirmar:

... cremos que a Bíblia ensina claramente que se alguém falha no campo da moralidade sexual está desqualificado de vez para o ministério pastoral ...

... Este mundo transborda de pecados sexuais, e Paulo orienta a igreja a ordenar como líderes homens que tenham a reputação impecável. A pessoa em questão é inatacável por ter sido e ser ainda leal à mulher com quem se casou? Ele teve uma carreira sexual no passado que talvez tenha sido totalmente interrompida, mas que quase todos conhecem? Esse não é um homem que possa levantar-se e dizer: “Eis, amados, o modelo excelente de Deus”. O problema é o caráter moral, não o estado civil.⁷⁶

É indubitável que Paulo traz a idéia da fidelidade conjugal ao escrever a expressão “marido de uma só mulher”, todavia não se pode afirmar com tanta certeza que uma falha moral no campo da sexualidade o impede de jamais exercer a liderança eclesiástica.⁷⁷

Dentro das propostas apresentadas acima se pode assegurar que, primeiramente, Paulo estava descrevendo o estado presente daqueles que ansiavam o ministério pastoral. Isto é ressaltado pelo próprio uso do presente do verbo “ser” no grego

⁷³ CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 40-41. De acordo com essa posição está HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 153 e Barclay, ver CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 35-36.

⁷⁴ Ver CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 35.

⁷⁵ Ver JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. *in:* JUNIOR, John MacArthur. *Op cit.* p. 100-102; KEATHLEY, J. Hampton. *Qualifications for the evaluation of elders and deacons.* (extraído de www.bible.org). p. 10.

⁷⁶ JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. *in:* JUNIOR, John MacArthur. *Op cit.* p. 100, 102.

⁷⁷ Ver passagens como Ef 4.32 – 5.2; Hb 8.12; 1 João 1.7 – 2.1.

indicando uma constância no desenvolvimento das características no momento em que há o desejo por tal serviço. Note que o fato de o candidato não ter sido “sóbrio” ou “equilibrado” (as duas características que vêm a seguir) durante uma época do seu passado, não o impede de exercer o ministério caso houve uma mudança visível em seu estilo de vida (note v. 7).

A aplicabilidade de ser “esposo de uma só mulher” é bem ampla. Certamente, isso impediria de qualquer pessoa cujo estilo de vida fosse tanto bígamo quanto polígamo de assumir tal posição de liderança na igreja. É sabido que os homens da cultura pagã do século I tinham suas esposas para cuidar da casa e educar os filhos e arranjavam outra mulher de encantos físicos para ser sua companheira.⁷⁸ Esse tipo de atitude é condenada biblicamente (ver Gn 2.24; Pv 5.14-21; 1 Co 7.1-5; Hb 13.4), portanto, de modo algum um líder pode vivê-la, deve ser “marido de uma só mulher”. Como bem assinalou Hendriksen: “um bispo ou ancião deve ser um homem de moralidade inquestionável, que seja inteiramente fiel e leal à sua única e exclusiva esposa; que, sendo casado, não se põe, segundo os costumes pagãos, em relação imoral com outra mulher”.⁷⁹

Quanto ao recasamento, certamente, Paulo não tinha em mente um viúvo que se recasasse, pois isso é admissível e possível dentro da verdade do evangelho (ver Rm 7.2, 3; 1 Co 7.7-9; 1 Tm 5.14). Todavia, um recasamento originado pelo divórcio, que era algo comum àquela época tanto quanto é hoje,⁸⁰ é condenado e se coloca em oposição ao princípio do casamento monogâmico instituído por Deus e que homem algum tem o direito de separar (1 Co 7.10-15; Mt 5.31-32; Mc 10.1-12; Lc 16.18). Sendo assim, “marido de uma só mulher” exclui a possibilidade de um crente que se encontra recasado, após divorciar-se, assumir o encargo de pastor, pois tal situação não retrataria a vontade de Deus para a sua igreja.

Tanto “temperante” quanto “sóbrio” dizem respeito à mente e às decisões decorrentes do pensar. “temperante” traz consigo a idéia de uma mente sã, capaz de discernir o certo e o errado dentro da perspectiva cristã, não sendo dominado por nada que o tire deste

⁷⁸ NETO, Tiago Abdalla T. *Situação Histórica, Social, Religiosa e Política do Livro de Atos*. SBPV: Atibaia, 2004. (Trabalho apresentado como requisito da matéria de *Atos*). p. 4.

⁷⁹ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 153.

⁸⁰ GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 32.

estado.⁸¹ Isso é essencial, especialmente com a ameaça de falsos mestres buscando enganar por meio de um discurso sedutor (2 Tm 4.3-5; 2 Tm 2.26). “sóbrio” está bem ligada a “temperante”, indicando um equilíbrio para tomar decisões acertadas, ao invés de ser movido por paixões e impulsos desequilibrados e contrários à vontade de Deus (Rm 12.3; 1 Tm 2.9, 15; Tt 1.8; 2.2, 5, 12).

É necessário que o bispo seja “modesto” ou “respeitável”, alguém que se porta de maneira apropriada à sã doutrina.⁸² Também, “hospitaleiro”, algo que era por demais necessário no primeiro século, especialmente para com os da família da fé (Rm 12.13; Hb 13.2; 1 Pe 4.9).⁸³ Era bem comum a hospedagem de pregadores itinerantes (cf. 3 Jo; Rm 15.23, 24). Tal qualidade continua sendo requerida do pastor moderno.

A capacidade para instruir (“apto para ensinar”) se faz necessária àqueles que serão responsáveis por supervisionar a igreja mediante as orientações dadas por Deus. Tal capacidade não implica em ter boa retórica para pronunciar homilias⁸⁴ e, sim, num aprofundamento constante de conhecimento acerca da sã doutrina e aplicá-la em seu próprio viver, de modo a corrigir os que se encontram no erro (ver 2 Tm 2.20-26, espec. v. 24; Tt 1.9-16).

v. 3 - não dado ao vinho, não violento, porém cordato, inimigo de contendas, não avarento;

Após expressar de forma afirmativa o caráter em desenvolvimento do pastor, agora Paulo o faz de modo negativo. Primeiramente, não deve ser “dado ao vinho”, lit. “ao lado do vinho”. Com certeza, isso não significa abstinência total (cf. 1 Tm 5.23). E por mais que o vinho possuía um papel desintoxicante ao ser misturado com a água,⁸⁵ o que deve se ter em mente no presente texto é o vício ou o excesso alcoólico que o tira da sobriedade e pacificidade necessárias à sua conduta. A outra negativa do texto é “não violento”, ou seja, o

⁸¹ BUDD, P. J. Sóbrio, Bêbado. *In*: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 2. p. 2411-2412.

⁸² Ver GUHRT, J. **K osmo** . *In*: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 2. p. 2497-2502.

⁸³ Ver JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. *in*: JUNIOR, John MacArthur. *Op cit.* p. 111-112.

⁸⁴ Como sugere Calvino em CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 42.

pastor não deve ser brigão, alguém belicoso que usa de agressão física ou verbal para alcançar o que deseja ou vingar-se.⁸⁶

Em complemento com “não violento”, o supervisor precisa ser “cordato”, ou seja, “amável”, “bondoso” e “inimigo de contendas” ou “pacífico”. É por isso que tanto Tito quanto Timóteo são alertados a evitar questões inúteis que apenas gerassem contendas (2 Tm 2.23; Tt 3.9).

A expressão “não avarento” pode ser um complemento a “não cobiçoso de torpe ganância”, caso esta estivesse no manuscrito original. “não avarento”, que aparece por último no versículo, indica o amor ao dinheiro. A outra única ocorrência deste vocábulo se dá em Hebreus 13.5, onde “não ser avarento” implica em contentar-se com aquilo que se possui. Isto é reiterado na carta a Timóteo. O contentamento com o suprimento básico divino é fonte de lucro, pois livra o homem de Deus de desviar-se da fé (1 Tm 6.3-10).

v. 4, 5 - e que governe bem a própria casa, criando os filhos sob disciplina, com todo o respeito (pois, se alguém não sabe governar a própria casa, como cuidará da igreja de Deus?);

Uma observação precisa ser feita. O texto não afirma que o pastor necessita ter filhos, e sim, que os tendo deve liderá-los. O próprio Timóteo que estava assumindo funções pastorais em Éfeso, claramente destacadas por todas as recomendações dadas por Paulo, muito provavelmente não era casado, muito menos, tinha filhos (cf. 1 Tm 4.12; 2 Tm 2.22). O versículo pressupõe a possibilidade de que dentre aqueles que aspiravam o episcopado, encontravam-se homens casados e que possuíam filhos. Nesta perspectiva é que tal exortação se encaixa.

Antes de “governar”, isto é, “cuidar” ou “supervisionar” a igreja (Rm 12.8; 1 Ts 5.12; 1 Tm 5.17), o candidato deve ser aprovado no lidar com a supervisão de sua própria casa (veja o mesmo requerimento dos diáconos em 1 Tm 3.12). No verso 4, o verbo “governar” se encontra no particípio grego, assumindo o uso integrante em complemento com

⁸⁵ JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. in: JUNIOR, John MacArthur. *Op cit.* p. 108-109; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 38; cf. GUNDRY, Robert H. *Op cit.* p. 28.

⁸⁶ JUNIOR, John MacArthur. O caráter do pastor. in: JUNIOR, John MacArthur. *Op cit.* p. 110; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 38; CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 42-43.

a locução verbal “é necessário” do versículo 2.⁸⁷ Já “criando” tem, muito provavelmente, uma função modal, indicando a maneira como o pastor deve exercer sua supervisão.⁸⁸ Portanto, é mediante a condução de seus filhos em submissão (“disciplina”) à sua liderança, acompanhada de respeito por ele ou por uma vida honesta e respeitosa (“com todo o respeito”) que realiza uma supervisão digna, estando habilitado para pastorear o rebanho de Deus. Isto é claramente visto pela pergunta retórica do verso 5: “(ora, se alguém não souber liderar sua própria casa, como cuidará da igreja de Deus?!)” (Tradução do autor).

v. 6 - não seja neófito, para não suceder que se ensoberbeça e incorra na condenação do diabo.

Outra qualidade requerida daqueles que irão governar a igreja é “não seja neófito”, literalmente, “não [seja] recém-plantado” sendo, muito provavelmente, uma indicação a alguém novo na fé.⁸⁹ Essa proteção ao recém-convertido da função de bispo, se dá com a finalidade de que não “se ensoberbeça”. Uma função nobre dada a alguém que ainda não teve tempo para desenvolver-se na fé e demonstrar o crescimento nas virtudes destacadas anteriormente, pode colaborar, fortemente, para o orgulho deste. Isto seria condenável. O termo “do diabo”, como já assinalado por Hendriksen,⁹⁰ deve ser encarado como um genitivo objetivo em sua ligação com “condenação” ou “julgamento”, até pelas ocorrências desta última palavra nas cartas paulinas favorecerem um juízo provindo da parte de Deus (ver Rm 2.2, 3; 3.8; 5.16; 11.33; 13.2; 1 Co 11.29, 34; Gl 5.9, 10; 1 Tm 5.12). Como decorrência disto, poderia se traduzir: “para que não caia na condenação que o diabo recebeu”. Isto posto, o epíscopo não deve ser alguém novo convertido, pois, assim sendo, poderia ser conduzido ao orgulho, uma atitude condenável que se iguala à atitude de Satanás, reprovada por Deus.

v. 7 - Pelo contrário, é necessário que ele tenha bom testemunho dos de fora, a fim de não cair no opróbrio e no laço do diabo.

⁸⁷ Ver exemplo em PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Op cit.* p. 97.

⁸⁸ Ver exemplo em *Idem.* p. 100.

⁸⁹ GINGRICH, *Op cit.* p. 140; CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 44-45; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 39; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 161; WALLIS, Wilbur B. 1 e 2 Timóteo, Tito. *In: HARRISON, Everett (Edit.). Op cit.* p. 258.

⁹⁰ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 161-162.

Novamente, aparece a locução “é necessário”, dando continuidade às qualidades que vêm sendo destacadas desde o verso 2 e o uso adverbial de **k a i**; (*kai*), “também”, “ainda”, que não é destacado no texto da ARA (Edição Almeida Revista e Atualizada), reforça essa ligação. A última qualidade descrita por Paulo é o bom testemunho dos de fora da comunidade cristã, que seria a melhor interpretação no texto, entendendo os de fora como sendo aqueles que não fazem parte da igreja.⁹¹ Mais uma vez, o propósito da orientação paulina é indicada com a preposição **i { na** (*hina*), “a fim de”. Se no verso 6 o motivo de alguém não exercer a liderança eclesial ainda neófito é para não se assemelhar ao Inimigo, cometendo o mesmo erro, aqui, é para que não caia no insulto e armadilha dele. Por mais que em outras ocorrências neo-testamentárias a palavra “opróbrio”, tenha um sentido positivo em termos de sofrê-lo como seguidor de Cristo e por amor a Ele (Rm 15.3; Hb 10.33; 11.26; 13.13), no presente texto se refere a uma difamação real, devido à falta de bom testemunho do crente. Tal difamação é causada pelo diabo cuja mediação se dá por aqueles que se encontram sob sua soberania (cf. 2 Co 4.4; Ef 2.1-3).

Os dois usos de “laço”, que encontramos nas Pastorais são uma referência ao erro e ao pecado que os homens caem ao serem seduzidos e se enganarem (1 Tm 6.9; 2 Tm 2.26). Em 1 Timóteo 6.9 o “cair em armadilhas” forma um paralelo com “cair em tentação” e “... em concupiscências insensatas e perniciosas”, cuja origem se encontra no desejo intenso pelas riquezas. No outro texto, 2 Timóteo 2.26, encontra-se uma expressão semelhante ao do texto em análise, “da armadilha do diabo”. Aqui, “armadilha do diabo” é uma clara referência a idéias enganosas promovidas pelo Diabo que estavam seduzindo pessoas dentro da igreja (cf. 2 Tm 2.23ss).

Tendo em vista o fato de que, provavelmente, havia falsos mestres atuando na liderança da igreja de Éfeso, quando Paulo retornara a esta cidade (1 Tm 1.3-11), pode-se entender, então, que “cilada do diabo” é um aprofundamento no erro e engano promovido por Satanás tanto no que compete à doutrina quanto à ética. Isso aconteceria devido ao fato de tranquilizarem a sua consciência, entendendo que poderiam permanecer na posição de supervisores mesmo vivendo uma vida cuja filosofia e prática não se achavam de acordo com

⁹¹ Entendem assim, também, CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 45; CONSTABLE, Thomas L. *Op cit.* p. 40; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 163; WALLIS, Wilbur B. 1 e 2 Timóteo, Tito. In: HARRISON, Everett (Edit.). *Op cit.* p. 258.

a sã doutrina. Por conseguinte, se aprofundariam ainda mais em seus erros torpes.⁹² Do mesmo modo, hoje, o pastor necessita ser alguém comprometido com a verdade e com um viver coerente a ela, pois, caso contrário, isso afetará a saúde espiritual da igreja tanto quanto trará vergonha ao nome de Cristo perante os incrédulos.

Diante de princípios tão sublimes destacados pela revelação divina, não se pode ignorar a grandeza da tarefa pastoral e o desafio que é dado àqueles que a almejam desenvolver. A fidelidade conjugal, o equilíbrio de mente e decisões, a respeitabilidade no viver coerente com a sã doutrina, o amor em receber e acolher os que necessitam de auxílio, a paciência e bondade, o desapego ao materialismo que persiste fortemente em nossos dias, o exercício da liderança cristã na própria casa, a maturidade provada e a integridade de vida perante os incrédulos que o cercam, perfazem o conjunto de virtudes santas e benditas a serem trabalhadas por todos os que “ousam” cuidar do rebanho de Deus.

4.2. Uma Proposta Filosófica Prática a Partir de 1 Timóteo 3.1-7

Tendo em vista os princípios levantados a partir da observação de 1 Timóteo 3.1-7, algumas propostas práticas serão dadas, com a finalidade de perceber a relevância da orientação bíblica.

O pastor leal. A lealdade no lar é consequência da lealdade primeira a Deus. O pastor fiel à sua esposa é alguém que cultiva a piedade e conhece no presente a vida que é e, ainda, será (1 Tm 4.6-8). Ele trata as suas irmãs em Cristo, sejam senhoras mais velhas ou mulheres mais novas, com toda a pureza (1 Tm 5.1-2). Ele busca ser padrão na pureza (1 Tm 4.12), o que inclui um comportamento sexual puro, em decorrência de ser templo do Espírito Santo (1 Co 6.15-20) e, também, um coração que honra e respeita sua esposa (Hb 13.4) ou, se solteiro, a Cristo, não abrigando fantasias imorais nem cultivando olhares lascivos (Jó 31.1; Pv 4.23; Mt 5.28, 29).

O pastor que reflete. Ao pastor cabe um aprofundar-se constante no conhecimento da sã doutrina, sempre sendo alimentado por ela (1 Tm 4.6). Só assim, poderá

⁹² Ver a mesma idéia em CALVINO, Juan. *Op cit.* p. 45; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 164.

se manter sóbrio quanto a ideologias que não condizem com o ensino das Escrituras e ser capaz de instruir outros (2 Tm 4.1-5). Esta é a perspectiva das pastorais. O caminho contrário do erro e engano é a permanência no verdadeiro evangelho (2 Tm 3.13-17). O exercício de compreender a vontade divina e absorvê-la em sua própria vida o levará a rejeitar ensinamentos vazios (1 Tm 4.7; Tt 1.9-10). Isso requer o hábito da leitura diária da Palavra (Sl 143.8) e o constante meditar em suas verdades e aplicações (Sl 1.2; 119.11). Assim, será capaz de conduzir o rebanho de Deus pela vereda da salvação (1 Tm 4.16).

O pastor equilibrado. Várias virtudes de 1 Timóteo 3.1-7 destacam a importância do equilíbrio e controle do pastor. O pastor não deve ser movido pela atração e domínio de bebidas alcoólicas. Deve optar pelo controle da Palavra em detrimento do controle do álcool. Ainda, qualquer sentimento de ira e ódio deve dar espaço ao amor. A belicosidade demonstra falta de domínio de si mesmo e é a característica típica de alguém que deve ser evitado caso permaneça em seu erro (Tt 3.9-11). É de Deus que provém o arrependimento, por isso, ele (o supervisor) disciplina com mansidão os que se encontram no engano (2 Tm 2.24-26). Qualquer outro tipo de paixão e desejo mundanos não pode tomar conta do homem de Deus, pois isto fazia parte da antiga vida, devendo ser renegado mediante a transformação graciosa de Deus (Tt 2.12). Deve fugir do desejo ardente de alcançar riquezas mediante seu ministério, pois isto o levaria à ruína em seu relacionamento com o Senhor (1 Tm 6.6-16). Sendo assim, sua busca não está em construir um edifício imponente e ornamentado para a sua congregação, ou em ter uma boa casa, carros na garagem, livros aos milhares em seu escritório e dinheiro para usufruir regalias não necessárias à sua subsistência, mas, em desfrutar da vida eterna e cumprir o mandato que Deus lhe designou.

O pastor que se mantém controlado pelo Espírito não se deixa levar pelos anseios de poder sobre as pessoas (2 Tm 3.1-9, espec. 6-8). Não está preocupado que os membros de sua igreja o sigam e sempre comprem as suas idéias, mas que sigam Cristo, o único digno de glória, honra e poder (1 Tm 1.17; 6.15, 16). Tampouco, está concentrado em agradar as pessoas e receber a aprovação delas. Ele não negocia o que crê para ganhar o aplauso do público, todavia, labuta intensamente em seu trabalho de evangelista, mesmo que isso implique em rejeição por parte de outros (1 Tm 4.1-5).

O pastor humilde. A humildade do pastor destacada no verso 6 é um alerta contra a soberba sutil e, por vezes, escancarada que ameaça os líderes do povo de propriedade exclusiva de Deus. As Pastorais, certamente, mostram na prática o hábito mental a ser

trabalhado por aqueles que desejam ser mais parecidos com Cristo nisto (Fp 2.1-11). É necessário sempre lembrar da grandeza majestosa de Deus, a qual qualquer pastor é incapaz de definir (1 Tm 1.17; 6. 15, 16). Recordar a sua pequenez e pecaminosidade (1 Tm 1.12-16; Tt 3.3) e como a grandiosa graça de Deus o atingiu e o transformou, tornando possível o serviço ao Deus grandioso (1 Tm 1.12-17; 2 Tm 1.8, 9; Tt 3.1-8). Somente a consciência da grandeza da Soberania, Santidade e Graça de Deus, sendo absorvidas constantemente, o conduzirá a fugir da “condenação do diabo”:

Cotton Mather confessou que quando o orgulho lhe enchia com amargura e confusão diante do Senhor, “eu me esforçava para ter uma visão do meu orgulho como a própria imagem do Diabo, contrária à imagem e graça de Cristo; como uma ofensa contra Deus, e entristecimento do Espírito Santo; como a coisa mais irracional e tola para alguém que não tem nada singularmente excelente e que tem uma natureza tão corrupta”.⁹³

Por isso, o pastor deve juntar-se a Isaac Watts e cantar:

Quando eu olho a maravilhosa cruz,
Na qual o Príncipe da glória morreu;
Meu mais rico lucro eu conto como perda,
E verto em desprezo todo o meu orgulho.⁹⁴

O pastor que testemunha. Por fim, é vital que o pastor goze do favor daqueles que não fazem parte da comunidade cristã. Não no sentido de tornar-se cúmplice de suas más obras (Ef 5.7-12), mas, pelo contrário, de demonstrar integridade de caráter. Como aconteceu com Daniel:

“Então os presidentes e os sátrapas procuravam ocasião para acusar Daniel a respeito do reino; mas não puderam achá-la, nem culpa alguma; porque ele era fiel, e não se achava nele nenhum erro nem culpa. Disseram, pois, estes homens: Nunca acharemos ocasião alguma para acusar a este Daniel, se não procurarmos contra ele na lei do seu Deus” (Dn 6.4-5).

O mesmo ocorreu com Cristo (Is 53.5-9; Mt 27.11-26; Lc 23.1-5, 13-16) e este tipo de atitude se requer daqueles que fazem parte do povo de Deus (1 Pe 2.11-17). O pastor precisa testemunhar em seu estilo de vida a pessoa de Cristo no seu amor e pureza. Deve buscar andar dentro da legislação na administração da igreja (Tt 3.1), não se envolver com escândalos políticos, ser cordato no tratamento com seus vizinhos e familiares

⁹³ BEEKE, Joel R. *Atentai para a vossa atitude no ministério 1*. Trad.: Felipe Sabino de Araújo Neto. Cuiabá, 2005. (Artigo extraído de www.monergismo.com).

⁹⁴ WATTS, Isaac. *Apud Idem. Ibid.*

descrentes, não participar de conversas maledicentes e difamadoras e fugir de todo comportamento sexual que saia dos padrões de Deus e envergonhe o nome de Cristo perante os incrédulos.

5. A TAREFA PASTORAL DE PROTEGER A Sã DOCTRINA E AUXILIAR A PRÁTICA DA PIEDADE NA IGREJA

Ao desenvolver seu ministério, o pastor se depara com duas tarefas essenciais a executar. A primeira diz respeito ao seu estudo das Escrituras e a transmissão do conteúdo delas aos membros de sua igreja. Já a outra está ligada à prática pessoal dos princípios encontrados na Palavra de Deus e à condução do rebanho dentro de tais princípios, também. Como diria o ditado: “São dois lados de uma mesma moeda”. Duas tarefas inseparáveis que sempre deverão andar juntas. O pastor não é um teórico acadêmico que deseja encher seus alunos de informação, sem, todavia, se preocupar com a maneira como aplicarão o que ensina. Nem é um pragmático que faz aquilo que dá certo ou que se está acostumado a fazer, sem avaliar se sua prática é coerente com o ensino da Bíblia. Mas o bispo é alguém comprometido em alimentar o rebanho com a verdade de Deus e conduzi-lo na vivência desta verdade (1 Tm 4.13-16; 2 Tm 4.1-2; Tt 1.9).

Em contraste com o trabalho pastoral, as ideologias erradas propagadas por aqueles que desejam se passar por mestres, conduzem os homens ao pecado (Tt 1.10-16). Ética e doutrina caminham juntas (2 Tm 4.3-4), daí a urgência do exercício da atividade pastoral na igreja do Senhor Jesus Cristo. Ele precisa corrigir o erro mediante o ensino daquilo que é digno de crédito (“Fiel é a Palavra”) para que a conduta dos que foram confiados ao seu cuidado seja santa e sadia.

Tendo em vista os apontamentos acima, este capítulo se propará em mostrar a urgência e singular importância da tarefa pastoral em proteger a sã doutrina dos ataques de ideologias erradas e em guiar o rebanho de Deus a uma vida sensata, justa e piedosa num mundo cujo deus é o Maligno.

5.1. Uma Proposta Filosófica a Partir da Segunda Carta a Timóteo

O chamado pastoral no que diz respeito a guardar a sã doutrina e auxiliar a prática da piedade percorre, continuamente, pela Segunda Carta a Timóteo. Aqui, alguns textos desta carta serão expostos demonstrando o árduo e prazeroso desafio do epíscopo.

Iniciando pelo texto de 2 Timóteo 1.13, 14 já se percebe esta ênfase no que realmente caracteriza o ministério pastoral. O genitivo “sãs palavras” é apositivo, especificando o vocábulo “padrão” (v. 13), e a paráfrase apropriada seria “Mantém o padrão que são as sãs palavras de mim ouvidas...”. Há, portanto, a ordem para que Timóteo mantivesse o padrão, o modelo, o paradigma encontrado no ensino saudável, puro do evangelho proclamado por Paulo (cf. 2 Tm 1.8-11). A atitude ética deve acompanhar. É preciso guardar com uma postura de fé e amor para com Deus que se encontra em Cristo, dada por este.

O verso 14 é, basicamente, uma complementação ou reforço da exortação do versículo 13. “Guarda” o “bom depósito” é uma expressão paralela para “Mantém o padrão das sãs palavras”. O depósito que Timóteo recebera é algo contrário aos falatórios inúteis e profanos (1 Tm 6.20), sendo uma expressão semelhante à “sã doutrina” ou à “palavra da verdade” que contrastam com o ensino vão e ímpio (1 Tm 4.6,7; 6.3-5; 2 Tm 2.15, 16). Era somente por meio do Espírito Santo, da dependência deste que Timóteo poderia permanecer fiel e proteger o “bom depósito”, o “padrão das sãs palavras” que recebera de Paulo. Assim como guiara os apóstolos a toda verdade, o Espírito continuaria guiando aqueles que se comprometessem em pastorear a igreja de Cristo com a verdade que Ele mesmo dera aos apóstolos (Jo 16.13). Por isso, Paulo podia dizer alguns versículos antes: “porque sei em quem tenho crido e estou certo de que ele é poderoso para guardar o meu depósito até aquele dia” (2 Tm 1.12). Enquanto a função apostólica era transmitir a revelação, a função pastoral é manter-se fiel à revelação transmitida.

O compromisso do pastor moderno não é trazer à luz algo novo, mas expor a verdade de Deus revelada por seus santos apóstolos e profetas (Ef 2.20; 3.4-6). O pastor não é alguém dependente dos homens, mas alguém dependente de Cristo e de Seu Santo Espírito. O ministério pastoral não se perfaz pela força humana, mas pelo reconhecimento da incapacidade em cumprir sua missão que o leva a clamar pela capacitação do Deus que se revela. Somente em Cristo, aquele que foi encarregado de cuidar do rebanho permanece crendo e amando a Palavra e, acima disso, o Deus de quem se origina a Palavra e que se torna conhecido por ela.

Continuando a percorrer Segunda a Timóteo, encontra-se no trecho de 2.1-2 uma prescrição e orientação do trabalho pastoral. A conjunção “pois”, indica que os versos 1 e 2 decorrem daquilo que Paulo ensina, exorta e ilustra a Timóteo nos versículos precedentes. Ele havia motivado o jovem pastor a não se envergonhar do evangelho, nem daqueles que labutam por ele (2 Tm 1.8-12), a guardar com amor e fidelidade o ensino de Cristo que recebera de Paulo (2 Tm 1.13-14), ilustra com um exemplo negativo de pessoas que abandonaram Paulo e o evangelho (1 Tm 1.15) e um exemplo positivo de alguém que permanecera ao lado de Paulo e do evangelho mesmo na situação difícil que o apóstolo se encontrava (vv. 16-17).

Diante do que vem escrevendo, o apóstolo exorta a Timóteo, como seu filho na fé, a fortalecer-se na graça que se encontra em Cristo Jesus. A graça de Cristo Jesus consiste basicamente na salvação testemunhada por todos aqueles que crêem no evangelho, recebendo vida e imortalidade (2 Tm 1.9-11). O jovem discípulo deveria vivenciar a verdade do evangelho e crescer nela, tornando-se cada vez mais forte. Fortalecer-se em Cristo era primordial, antes de realizar a tarefa de proclamar a verdade recebida de Paulo. Como bem assinalou Stott: “isso significa que Timóteo deve procurar recursos para o seu ministério não em sua própria natureza, mas na de Cristo. Não dependemos da graça somente para a salvação (1:9), mas também para o serviço”.⁹⁵ A expressão “através de muitas testemunhas” que se encontra na ARA parece não ser a melhor tradução. Por mais que o uso comum da preposição **di a v** (*dia*) mais o substantivo no genitivo indique meio ou agência,⁹⁶ o mais provável é que a tradução seja “na presença de muitas testemunhas” como interpreta Gingrich.⁹⁷ Ou seja, o ensino que Timóteo ouvira de Paulo em diferentes lugares, na presença de várias pessoas.

Assim como Paulo se preocupara em transmitir a Timóteo e a muitos outros o evangelho e, também, com que este fosse preservado pelo filho na fé, Timóteo, do mesmo modo, deveria repassá-la, especialmente a homens que demonstrassem fidelidade à sã

⁹⁵ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 41.

⁹⁶ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos para a exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 48.

⁹⁷ GINGRICH, F. Wilbur. *Op cit.* p. 52. Ver também as traduções de EDITORA PAULUS. *Op cit.* p. 2075; EDITORA VIDA. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional*. São Paulo: Vida, 200. p. ; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 302-303.

doutrina. A fidelidade ao evangelho é o requisito para que alguém seja “idôneo” ou “digno” para instruir outros. A dignidade no texto não é um segundo adjetivo dos homens para quem a mensagem deveria ser repassada e, sim, uma consequência da fidelidade destes como o próprio verbo no futuro grego indica. A tradução mais apropriada seria “transmite a homens fiéis, os quais *serão*, assim, dignos para instruir outros”(Grifo do autor). Há uma grande preocupação com que a mensagem seja repassada com integridade.

Este texto mostra, portanto, que o pastor deve se preocupar tanto com a tradição quanto com a transmissão. Ele deve ensinar a tradição cristã, isto é, as Escrituras, mas também, dar importância em preparar homens fiéis à Palavra que levarão adiante a sagrada mensagem. O processo é cíclico. A igreja não depende do pastor, e sim, da mensagem do evangelho. Daí, a responsabilidade episcopal de treinar pessoas da igreja local no conhecimento e vivência das Escrituras para que a comunidade continue a ser ensinada independentemente da presença do pastor. Tais pessoas deverão instruir a igreja de Cristo e, semelhantemente ao pastor, preocuparem-se com que a mensagem continue sendo anunciada por homens fiéis.

Além disso, há a premissa de que o pastor necessita, primeiramente, fortificar-se na salvação que recebera de Deus por intermédio de Cristo, para, então, instruir outros. Afinal de contas, o que torna alguém apto para instruir não é sua formação acadêmica nem seu quociente inteligente, mas a fidelidade à sã doutrina.

Após exortar Timóteo a um envolvimento completo e sacrificial pelo evangelho (2 Tm 2.3-7), o qual proclama a encarnação e ressurreição de Cristo (2.8), reconhecer que a Palavra de Deus não está presa, mas sim, continua alcançando os eleitos apesar da oposição (2.9-10) e asseverar que a fidelidade ao evangelho revela aqueles que, genuinamente, são os escolhidos (2.11-13), Paulo continua a trazer instruções acerca do trabalho pastoral a ser exercido por aquele jovem, no trecho de 2.14-19.

Como pastor, Timóteo deveria “recomendar”, “trazer à mente” a instrução apostólica transmitida por Paulo nesta carta, especialmente os versículos imediatos (v. 14; cf. vv. 11-13).⁹⁸ O modo como tal tarefa deveria ser realizada era mediante o “testemunho

⁹⁸ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 321.

solene” ou “advertência”.⁹⁹ Advertir a comunidade diante de Deus realça o peso e a importância da instrução (v. 14). As discussões acerca de palavras (v. 14) devem ser vistas em conexão com os versos 16-18. São a mesma coisa que falatórios inúteis e ímpios (v. 16) e um exemplo específico é dado, com o caso de Himeneu e Fileto (evidentemente, dois falsos mestres) que ensinavam uma espécie de protognosticismo, afirmando que a ressurreição já havia ocorrido (vv.17-18), provavelmente interpretando de modo alegórico tal evento como algo fundamentalmente espiritual, ou seja, uma iluminação do espírito, e assim, este já não se encontrava mais preso ao corpo que por ser material era essencialmente mau.¹⁰⁰

Não há proveito algum nesses ensinamentos e sofismas, apenas perverteriam àqueles que estavam sob os cuidados de Timóteo (v. 14), como já havia acontecido com alguns por meio do engano proclamado pelos dois hereges destacados no texto (v. 18). Por isto, a comparação do falso ensino com a gangrena, no sentido de que espalha sua destruição (v. 17). O erro doutrinário acompanha o desvio ético, de modo que os que se envolvem com a mentira caminham para uma impiedade ainda maior (v. 16). Desviar-se da verdade constitui por si só uma atitude pecaminosa, sendo impossível a permanência na pureza quando a doutrina não se conforma com a mensagem evangelho.

Diante de homens como Himeneu e Fileto e outros que estavam sendo levados juntos pelo engano, Paulo lembra a Timóteo que o firme fundamento de Deus permanece inabalável (v. 19). O mais provável é que o apóstolo esteja se referindo à verdadeira igreja de Deus (cf. 1 Tm 3.15), os eleitos que, apesar da apostasia promovida e seguida por homens de coração corrompido, permaneciam firmes na verdade. Isto é ratificado pelo selo que diz: “O Senhor conhece os que lhe pertencem” e “Aparte-se da injustiça todo aquele que professa o nome do Senhor” (v. 19). A primeira inscrição diz respeito ao Deus que

⁹⁹ Ver COENEN, Lothar. Testemunha, Testemunho. In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 2. p. 2503-2515.

¹⁰⁰ CALVINO, Juan. *Comentario a la segunda epístola pastoral de San Pablo a Timoteo*. Ginebra, 1556. (Extraído de www.gracia soberana.com). p. 28; HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 325-326; STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 61; WESSEL, Walter W. In: BARKER, Kenneth, *et al* (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003. p. 2079.

conhece aqueles que elege (Jo 10.14, 28; Rm 8.29) e os protege, enquanto que a segunda expressa a atitude santa, natural daqueles que foram escolhidos.¹⁰¹

Diante destes fatos, Timóteo tinha por obrigação guardar a si mesmo (v. 16) tanto quanto advertir a igreja para se abster dessas conversações e sofismas (v. 14). Deveria, em claro contraste com os impostores, buscar apresentar-se a Deus como um obreiro aprovado que não se envergonha por ter se desviado da sã doutrina, mas que trata de forma adequada a Palavra da Verdade, com retidão (v. 15).¹⁰²

Alguns princípios para uma filosofia pastoral decorrem desta exposição acima. Primeiramente, o pastor precisa estar consciente da importância de sua tarefa ao instruir o rebanho. É diante de Deus que ele realiza esta função e, por isso, deve fazer com fidelidade e excelência. Em segundo lugar, o pastor deve evitar discutir ideologias e pensamentos sem interpretá-los à luz da Revelação, nem se entreter com aqueles que são frontalmente opostos ao que as Escrituras ensinam. A melhor maneira de combater o erro é conhecendo e expondo a verdade. Por isso, o pastor deve buscar apresentar-se aprovado mediante um profundo conhecimento do evangelho, em submissão a Deus, tratando com fidelidade a Palavra da Verdade. O ponto de partida do ministério será sempre as Escrituras, nunca as impressões do coração. Como bem assinalou o professor Wadislau M. Gomes:

Nós sabemos que não existe “fato bruto”, pois tudo é interpretado. Ou interpretamos segundo a palavra de Deus ou interpretamos segundo nossos próprios pensamentos. E nossos pensamentos não são, de modo algum, insuspeitos, posto que o homem interior é comandado por afetos, e as afeições do homem sem Deus são viciadas pelo pecado e por causa dos efeitos noéticos do pecado, como já vimos (Rm 1.18-32). Quanto a nós, não deveríamos andar pelo que vemos, mas ver através dos “óculos” da revelação de Deus e andar de modo digno de Cristo. ... Van Til diz também que, sem Deus, e trocando a hermenêutica de Deus sobre a realidade pela sua própria interpretação, o homem se tornou escravo do “falso ideal de conhecimento” e do “falso ideal de absoluta compreensão do conhecimento”.¹⁰³

¹⁰¹ HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 327-332; STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 62-63; WALLIS, Wilbur B. 1 e 2 Timóteo, Tito. *In:* HARRISON, Everett (Edit.). *Op cit.* p. 272.

¹⁰² KLÖBER, R. *or qo*" . *In:* COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 2. p. 2108-2110.

¹⁰³ GOMES, Wadislau Martins. *Aconselhamento redentivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 98, 106.

Ainda, o terceiro princípio a nortear o trabalho do líder eclesiástico é o de confiar em Deus mesmo em meio à oposição e impiedade. O pastor deve lembrar que o papel de preservar o coração dos eleitos fiel ao evangelho é dever de Deus. Aquele, simplesmente, expõe a verdade e a vivência, enquanto o Senhor desenvolve no íntimo daqueles que conhece, a perseverança na verdade e o apartar-se da injustiça. Não há motivo para desespero, Deus está confirmando o Seu povo escolhido.

Findando as observações de 2 Timóteo quanto a uma filosofia autoritativa para o desempenho da obra pastoral, o capítulo 4, nos versos de 1 a 5, fornece orientações válidas e extremamente necessárias para este propósito.

Como assinalado na introdução à 2 Timóteo, o contexto de impiedade era cada vez mais crescente. No capítulo 3, Paulo destaca a impiedade do coração humano e exorta o seu filho na fé a cuidar-se da contaminação deste estilo de vida (3.1-5). Tal atitude de amor aos prazeres mais do que a Deus era o que caracterizava aqueles que estavam difundindo o ensino falso (3.6-9). Timóteo, porém, é diferente. Ele tem acompanhado o exemplo da vida de Paulo, que sofre por decidir ser fiel à verdade e viver piedosamente, em meio a um ambiente perverso (3.10-13). No final do capítulo 3 há a mais famosa declaração da inspiração das Escrituras e de sua suficiência. Era necessário lembrar ao jovem líder, o manual onde encontraria a direção para o seu trabalho, já que vozes dissonantes estavam resistindo ao evangelho, propondo um caminho largo e espaçoso. Nesta parte da carta, encontra-se a relação de continuidade entre a revelação autoritativa da profecia do Antigo Testamento e o ensino apostólico do Novo (mais especificamente, aqui, o ensino de Paulo), como bem destacou Stott.¹⁰⁴ Os escritos canônicos seriam suficientes para conduzir Timóteo e suas ovelhas à maturidade na prática de boas obras (3.14-17).

É dentro deste contexto que Paulo, no final de seu testamento, faz o chamado solene a Timóteo (4.1-5). Algumas características literárias ganham a atenção e são importantes para uma hermenêutica correta. A repetição da expressão “Tu, porém ...” (*suv dev - sy de*) ocorre três vezes entre 3.10 e 4.5. A ênfase disto está em advertir Timóteo a manter uma postura totalmente contrária àquela assumida pelos homens perversos

¹⁰⁴ STOTT, John R. W. *Op cit.* p. 92-99; ver, também, HENDRIKSEN, William. *Op cit.* p. 362-375.

e impostores. Além do mais, cada “Tu, porém ...” traz consigo um tema claramente destacado pelo contexto:

- A. “Tu, porém ... ” – O modelo ministerial de Paulo de sofrimento pela verdade (3.10-13)
- B. “Tu, porém ... ” – As Escrituras como o padrão autoritativo da verdade (3.14-17)
- A'. “Tu, porém ... ” – O ministério a ser cumprido por Timóteo de sofrimento pela verdade (4.1-5)

Este arranjo literário mostra o pastor como aquele que dá continuidade ao trabalho apostólico, não no sentido de trazer revelação, mas de expô-la.

A asseveração da convocação de Paulo a Timóteo é ainda mais ressaltada quando as testemunhas são o próprio Deus Triúno, isto é, na presença do Pai e do Filho, crendo que este, um dia, há de exercer o justo juízo sobre os homens por meio de Sua manifestação, trazendo à luz de maneira inequívoca o Seu reino universal (4.1). A consciência deste Deus Soberano que age em conformidade com Seu caráter santo, deveria gerar em Timóteo reverência e responsabilidade proporcionais à Sua Majestade no exercício do ministério.

O princípio do ministério pastoral como uma extensão do trabalho apostólico é, mais uma vez, claro. Pois, o pastor deve ocupar-se em “pregar a palavra” (ver esta característica da tarefa apostolar em 1.11, 13-14; 2.1-2, 8-10; 3.10). Quanto à “palavra” que deve ser proclamada, não há dúvida de que seja a destacada em 3.14-17, ela é o paradigma da verdade de Deus. Era o ensino transmitido por Paulo (1.8, 13-14; 2.1-2), as boas novas da revelação em Cristo que não podiam, de modo algum, serem silenciadas (2.8-10) e o ápice e complemento do Antigo Testamento (3.14-17).

Timóteo deveria estar pronto para anunciar a palavra em qualquer momento necessário, independentemente de ser bem recebido ou não (4.2). O pregador deve priorizar a urgência e responsabilidade de sua tarefa, antes que o desejo das pessoas de escutarem a mensagem do evangelho, “pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina” (1 Tm 4.3).

Os três imperativos seguintes mostram a característica multiforme do ministério da pregação, ou ministério da Palavra (4.2). Implicam tanto na correção de alguém que se desvia do princípio bíblico, quanto no encorajamento à permanência na verdade. É uma tarefa corretiva e preventiva. Deve ocorrer em conformidade com a “doutrina”, mas também, precisa ser acompanhada de uma atitude longânime, paciente, crendo no poder de Deus para transformar (4.2; cf. 2.24-26).

Assim como a impiedade já era manifesta pela rejeição da sã doutrina naquela época (2 Tm 2.14-19; Tt 1.9-16), continuaria a acontecer no porvir (4.3). Há um coração corrupto por trás da busca pela mentira. O abandono da verdade se daria pelo desejo, cobiça e paixão, os quais imperariam sobre a vida das pessoas, conduzindo-as a procurarem mestres que validariam seus caminhos errados (4.3, 4). Não obstante, Timóteo deveria ser sóbrio, não se deixando levar pelo engano, suportar as aflições naturais dos que querem viver piedosamente (cf. 2 Tm 3.12), realizar e cumprir o seu trabalho de proclamar a verdade (4.5).

Deste modo, o pastor deve agir com responsabilidade e zelo em seu ministério, consciente de que não serve a qualquer senhor, mas ao Senhor do Universo. Deve permanecer na verdade e esforça-se pela sua lealdade a ela, porque esse mesmo Senhor há de julgar com retidão vivos e mortos.

Urge a necessidade de se dar importância ao ministério da pregação da Palavra. Antes da administração física da igreja, deve vir a liderança espiritual. O pastor precisa despende tempo para o estudo contínuo das Escrituras e aproveitar, ao máximo, as oportunidades de envolvimento com o rebanho, a fim de instruí-lo na verdade. Como extensão do ministério apostólico, o pastor deve dedicar-se à proclamação e à oração (At 6.4).

Por fim, o texto ensina que o trabalho de cuidar do povo de Deus é árduo, porque nem sempre as pessoas estarão dispostas a aceitar a repreensão e o encorajamento à piedade. O pastor não deve preocupar-se com a satisfação do agrado das pessoas, mas em anunciar todo o desígnio de Deus. A recompensa do pastor não se encontra no elogio e remuneração que pode receber dos outros, e sim, naquele dia em que Cristo e Seu reino hão de ser manifestos (2 Tm 2.11-13; 4.8).

5.2. Uma Proposta Filosófica a Partir da Carta a Tito

A carta de Paulo a Tito, certamente, tem muito a ensinar quanto à tarefa do pastor abordada no presente capítulo. Já no primeiro verso é afirmado que o conhecimento da verdade “conduz à piedade” (Tt 1.1, Nova Versão Internacional). Uma mente sã resultará numa conduta piedosa. Por isso, o pastor deve apegar-se à palavra fiel da doutrina evangélica, no intuito de guiar a igreja de Cristo pela retidão, como, ainda, corrigir àqueles que resistem à mensagem (Tt 1.9). Dar-se-á destaque neste trabalho ao capítulo 2 de Tito, indicando princípios pertinentes à obra do pastor.

Havia na ilha de Creta (Tt 1.5), assim como acontecia em Éfeso, pessoas que estavam ensinando uma doutrina contrária àquela proclamada pelo evangelho e prejudicando a igreja de Cristo com sua instrução falsa. O que caracterizava esses homens era a sua malignidade, insubmissão e engano (1.10, 12), em sua maioria eram judaizantes (1.10, 14), estavam difundido seu ensinamento errado pelas casas, movidos pelo amor ao dinheiro (1.11). Por terem permitido a corrupção de suas mentes e consciências, se tornaram desqualificados para a prática de boas obras (1.15, 16), necessitando de repreensão da parte do pastor encarregado de cuidar das igrejas de Creta, o próprio Tito (1.11, 13). Em decorrência da descrição que fizera dos homens malignos, Paulo exorta Tito a ser diferente, a ensinar aquilo que está em conformidade com a sã doutrina, no capítulo 2 (cf. 2.1).

O que vem a seguir do verso 1 no capítulo 2 são instruções a respeito da maneira e da aplicação por meio dos quais Tito deveria falar ou anunciar o que convém ao ensino sadio. O que torna os versos 2-10 peculiares é sua ênfase na individualidade que compõe a comunidade. O texto lembra que na composição de uma congregação existem pessoas cujas experiências variam e, deste modo, o pastor deve dar a atenção devida à aplicação da sã doutrina no seu dia-a-dia. A proclamação não acontece no vácuo, ela se encontra dentro do tempo e do espaço, onde se desenvolve a vida de cada indivíduo. Quanto a este aspecto, Eugene Peterson afirmou acertadamente:

Se cada membro da igreja for personagem-chave de uma história, tudo se torna vivo e interessante. Todos os detalhes do dia são relevantes. O narrador não se dispõe a reduzir ninguém a um prontuário, nem a despersonalizar alguém, transformando-o em um número na estatística de divórcios nem a usar uma pessoa como ilustração relacionada à depressão da menopausa ... A existência não se reduz a um gráfico para análise. Ela é vivida nos movimentos de um drama ... O pastorado que tem raízes nas histórias da aliança derivadas do Sinai e que desenvolve a habilidade de fazer narrativas como a de Rute fica a salvo tanto das práticas moralistas quanto das

atitudes de condescendência. Continua o ministério saudável, que respeita as pessoas e evoca um propósito, o ministério à moda de Israel.¹⁰⁵

E ainda:

Ser um orientador espiritual significa reparar no que é familiar, dar nome ao que é individual. É necessário ser instruído nas grandes verdades de pecado, graça, salvação, expiação e julgamento, mas isso não é suficiente. Grande parte de nosso trabalho acontece nos detalhes individuais. É essa a diferença entre ter uma vaga noção da presença dos pássaros e saber o nome deles. Cada tentação tem aparência e nuances próprias. Cada graça tem sua própria atmosfera e ângulo de refração.¹⁰⁶

Todos indivíduos da igreja requerem a atenção do pastor. Este deve conhecer suas ovelhas, trilhando a estrada do Bom Pastor (Jo 10.14). Tanto os “homens idosos” (v. 2), quanto às “mulheres idosas” (v. 3), as “jovens recém-casadas” (vv. 4-5), os “moços” (v. 6) e os “servos” necessitavam da instrução de Tito. E, sem dúvida, esta não é uma lista exaustiva, mas sim, a indicação de que “Nenhuma condição e nenhum período de vida permanecem sem ser afetados pela santa influência do evangelho”.¹⁰⁷ Este texto mostra, então, que a doutrina impacta a conduta. Proclamar a sã doutrina implicava em auxiliar o povo de Deus na prática da piedade.

Várias virtudes cristãs são destacadas, as quais devem ser promovidas pelo pastor na vida de sua congregação. Entre elas se encontram a sobriedade e o autocontrole tanto no que diz respeito à compreensão da verdade quanto a uma substância como o álcool (vv. 2-6); uma conduta respeitosa e íntegra (v. 2); um falar puro, sem difamação (v. 3); as senhoras mais velhas deveriam ser retas em seu proceder e tão apegadas à verdade, com a finalidade de instruírem as mais novas, e estas, por sua vez, tinham a obrigação de cultivarem o amor ao marido e aos filhos, a pureza, o cuidado do lar, a bondade e a sujeição ao esposo (vv. 3-5); e os servos deveriam ser submissos às suas autoridades e leais a elas (vv. 9-10).

Com Tito não era diferente. Ao conduzir o rebanho por uma vida condigna ao evangelho, ele mesmo deveria se tornar “padrão de boas obras”(v. 7). Como pastor precisava ser o exemplo vivo de seu próprio ensino. Seu ensino e conduta seriam, então, afins. Até na proclamação a pureza ética do evangelho necessitava transparecer, evidenciando

¹⁰⁵ PETERSON, Eugene. *O pastor que Deus usa*. Rio de Janeiro: Textus, 2003. p. 108-109.

¹⁰⁶ PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000. p. 144.

¹⁰⁷ OOSTERZEE, J. J. Van. *The Epistle of Paul to Titus*. Apud CONSTABLE, Thomas L. *Notas sobre Tito*. [n.l.], 2001. (Extraído de soniclight.com). p. 14.

pureza, respeito, uma linguagem sadia ao invés de prejudicial e acima de qualquer condenação (vv. 7-8). Deste modo, o pastor deve instruir seu povo quanto às variadas aplicações da sã doutrina em suas vidas, como ele mesmo demonstrar em seu andar e pregação uma coerência. O pastor está no processo de “tornar-se” juntamente com seu povo, mas isso não pode ser usado como desculpa para uma vida libertina, e sim, uma motivação para a dependência da graça de Deus enquanto é transformado à imagem de Cristo.

O propósito pelo qual a santidade deveria ser levada a sério e vivenciada entre o povo de Deus é reiterado três vezes no texto de 2-10 e expresso de diferentes maneiras. Encontra-se nos versos 5, 8 e 10: “para que a palavra de Deus não seja difamada”, “para que o adversário seja envergonhado não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito” e “a fim de ornarem, em todas as cousas, a doutrina de Deus, nosso Salvador”. Todas estas três partes mostram que a Palavra de Deus, a mensagem do evangelho é honrada pelos homens em conformidade com a conduta ética do povo de Deus. A mensagem reta e transformadora da verdade tem este propósito de promover mudanças na vida da igreja, conduzindo-a à justiça. Tanto “palavra de Deus” como “doutrina de Deus” são genitivos que apontam não apenas para a origem e posse como, ainda, para o objeto sobre quem se fala (cf. 1 Tm 6.1), e, uma vez assim, o próprio Deus é blasfemado e tratado com indiferença pelos homens, caso o seu povo não se porte retamente. A igreja deve andar de maneira tão pura, a fim de evitar a desonra para com o seu Deus (vv. 5, 8) e atrair os homens a Ele de modo que lhe rendam a glória devida (v. 10).

A preocupação pastoral é com a glória de Deus e com que os homens percebam a grandeza da santidade e poder transformador deste. O ministério pastoral é o trabalho árduo de lutar contra o mal em sua própria vida e na vida daqueles que lidera. Isto deve ser feito com paciência (2 Tm 2.24; 4.2) e com a preocupação primordial de que Deus seja glorificado.

O motivo pelo qual Tito deveria ensinar o povo de Deus e preocupar-se com que a glória dEle fosse refletida em sua vida é dado a partir do verso 11. A conjunção “Porquanto” evidencia isso. A graça de Deus quando manifestada no primeiro advento, mostrou-se salvadora a todos os homens (“todos os homens” como expressão necessita ser vista em seu contexto, indicando todos os grupos de pessoas às quais Tito deveria instruir, conforme vv. 2-10). A graça de Deus é salvadora no que tange a educar o povo de Deus em dois sentidos, um negativo e outro positivo. Quanto ao primeiro, ela leva este povo a rejeitar

ou abandonar a falta de reverência para com Deus e as paixões que permeiam a sociedade corrupta e distante dEle (cf. 2 Co 4.4; Ef 2.1-3). E, positivamente, conduz a igreja numa vida sensata, com domínio próprio, em retidão e em reverência para com Deus (v. 12). Portanto, a vida santa dos eleitos não é alcançada por méritos próprios, mas obra da bondade do Senhor. A obra de Cristo não se resume apenas em justificar indivíduos de forma judicial perante Deus, mas abrange, ainda, moldá-los à imagem do Criador (Cl 3.9-10).

A esperança da segunda vinda de Cristo é o que desprende a comunidade de Jesus dos interesses deste mundo (v. 13). Crêem no Jesus que há de vir julgar (2 Tm 4.1), mas também, libertar o Seu povo, de modo completo, do pecado e seus efeitos (Rm 8.18-25). Esta libertação do pecado teve seu início na primeira vinda quando Jesus “a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade ...” (v. 14). O grande Deus e Salvador Jesus Cristo é Santo e em decorrência disto purifica os eleitos para serem Seu povo especial,¹⁰⁸ o que os leva a uma busca pela prática de boas obras, ou seja, a vivência da ética do evangelho especificada na primeira parte do capítulo 2 (v. 14; cf. vv. 2-10). Ambos os adventos promovem a piedade do povo de Deus. O primeiro inicia a libertação do poder e condenação do pecado, dando aos salvos as condições necessárias para viverem esta vida em comunhão com Deus, apontando para o segundo e gerando a esperança de que o que experimentam no presente, será completo no futuro.

Ciente desta graça transformadora, Tito deveria proclamá-la, tanto pela exortação como, também, repreendendo. As pessoas deveriam dar atenção ao ensino do pastor, não desprezando sua instrução, pois é a proclamação da verdade graciosa de Deus (v. 15).

Na segunda parte do capítulo 2 de Tito (vv. 11-15), algumas verdades sobressaem na orientação da função episcopal. O pastor deve entender que a transformação na vida das pessoas para as quais ministra é obra, primeiramente e suficiente, da graça de Deus. Não se deve “dar uma mãozinha” ao trabalho de Deus. A mudança de conduta na vida dos membros de uma igreja não acontece em conformidade com o desejo do pastor, mas de acordo com a operação da bondade do Senhor. O pastor está imbuído em proclamar, motivar e

¹⁰⁸ BEYREUTHER, E. *peri poi e oma i*. In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Op cit.* v. 2. p.1718.

corrigir. Não deve se frustrar porque uma ovelha, dificilmente, assimila a verdade ensinada. Deus está agindo pela sua graciosa salvação naquele indivíduo.

O pastor deve conduzir o rebanho à consciência de que é um povo escatológico. Não pertencem a este mundo e seu fim não se encontra nele, mas aguardam a manifestação do reino de Cristo. Portanto, não há razão para viver essa vida como se fosse eterna. O estilo de vida deste mundo está fadado à destruição, por isso a tarefa do pastor consiste na destruição do reino do ego e estabelecimento do reino de Deus.¹⁰⁹ O bispo deve “apresentar o Reino verdadeiro às pessoas e ensiná-las a viver nele”.¹¹⁰

5.3. Conclusão: Uma Proposta Prática

Após estabelecer uma filosofia que rege o ministério pastoral, cabe aqui mostrar a pertinência destes princípios para hoje. Ao ensinar a igreja com a verdade do evangelho e guiá-la na prática desta, as Pastorais reiteram o desafio de dizer “Não!” ao erro e reprová-lo com as Escrituras. Dentro disso, nesta seção do trabalho se dará destaque às ideologias erradas que batem à porta da igreja moderna e à luta que o pastor deve empreender contra elas. Uma é a psicologia moderna por meio do aconselhamento, e a outra, é a famosa teologia da prosperidade. Ambas têm prejudicado a igreja de Jesus e levado alguns a se desviarem da verdade. O que defendem e qual a mensagem do evangelho que as desmascara será trabalhado aqui.

Alguns pressupostos da psicologia moderna que vêm sendo difundidos na igreja evangélica são:¹¹¹

- A natureza humana é essencialmente boa.

¹⁰⁹ PETERSON, Eugene. *O pastor contemplativo: voltando à arte do aconselhamento espiritual*. 2.ed. Rio de Janeiro, 2004. p. 37-38.

¹¹⁰ *Idem.* p. 38.

- As pessoas encontram as respostas para os seus problemas dentro de si mesmas.
- As Escrituras, a oração e o Espírito Santo são fontes inadequadas e simplistas para a resolução de certos tipos de problemas.

Essa difusão, especialmente no meio do aconselhamento cristão, é muito grande e intensa. Ao invés de buscarem nas Escrituras a orientação para o trabalho entre domingos, os pastores modernos se prendem à ajuda de “especialistas”.¹¹² Como a Palavra de Deus instrui o líder sobre o aconselhamento, mais especificamente sobre esses três pressupostos destacados acima?

Primeiramente, as Escrituras sempre afirmam a corrupção humana desde o seu nascimento (Sl 51.5; Pv 22.15). A humanidade encontra-se morta em sua culpa e pecado, sendo incapaz de se relacionar com Deus (Ef 2.1-3). Não existe uma pessoa justa, nenhuma sequer (Rm 3.9-12). Os erros cometidos por qualquer pessoa não são determinados por seu ambiente, mas provém de seu coração perverso (Mc 7.21-23). É por esse motivo que Cristo veio ao mundo, trazendo ao homem a resposta de Deus para a sua maldade (Rm 5.5-11; 1 Tm 1.15-16).

Em segundo lugar, o homem nunca encontrará respostas para os seus problemas dentro de si mesmo, pois seu coração é enganoso e terrivelmente corrupto (Jr 17.9). O homem à parte de Deus não possui qualquer esperança verdadeira, até mesmo para os próprios dilemas (Ef 2.11-12). Apenas por meio da Palavra de Deus que o homem recebe sabedoria para lidar com suas situações peculiares (Sl 19.7), sendo iluminado pelo Espírito de Deus (1 Co 2.6-16). Pois Deus, sim, é capaz de sondar o coração humano (Jr 17.10)

Em decorrência disto, tanto a oração, quanto a Bíblia e o Espírito Santo são essenciais para todo e qualquer problema da alma. Conforme Tiago, a oração acompanhada da confissão de pecados é suficiente para curar problemas psicossomáticos (Tg 5.14-18). Isto é ratificado pela própria descrição inspirada da experiência do salmista (Sl 32.1-6). A

¹¹¹ MACK, Wayne A., JÚNIOR, John F. MacArthur. Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia básico dos princípios e prática do aconselhamento. São Paulo: Hagnos, 2004. p. 27.

¹¹² PETERSON, Eugene. *O pastor que Deus usa*. Rio de Janeiro: Textus, 2003. p. 13-17.

comunidade de Cristo é o ambiente propício para o aconselhamento que ocorre em conformidade com as Escrituras (Cl 3.16). Elas penetram o mais íntimo do homem (Hb 4.12) e são suficientes para conduzir o crente na prática de toda boa obra (2 Tm 3.16, 17). Nada atinge o homem de modo mais profundo e eficaz que a Palavra de Deus (Sl 19.7-11), pois ela é a verdade (Jo 17.17). E isso acontece simultaneamente ao ministério do Espírito que consola e guia as pessoas à verdade (Jo 14.16-17; 15.26-27; 16.13).

Não resta dúvida quanto ao modelo que deve guiar o aconselhamento pastoral, pois, ainda, o próprio texto de Tito 2.2-10 ressalta o papel do pastor em trabalhar na individualidade de suas ovelhas. A verdade que jaz na Bíblia é o fundamento para o método e conteúdo do aconselhamento pastoral. E este deve ser regado pela dependência do poder do Espírito Santo e pela oração.

No que tange à teologia da prosperidade, muitas mentiras têm sido difundidas por seus idealizadores, até mesmo colocando os homens na categoria de divinos.¹¹³ Todavia, o que mais caracteriza sua pregação é a ênfase na confissão positiva, curas e prosperidade financeira. A confissão positiva consiste em que “se você crê no que está dizendo, *Você recebe o que você diz*” (Grifo Próprio).¹¹⁴ Os fiéis são instruídos a afirmarem que receberão algo determinado por Deus, pois se o fizerem com fé, certamente acontecerá conforme pronunciaram. Textos são citados como base sem o devido respeito pelo seu contexto e teologia. Dentro disso e somado à perspectiva errônea de outros trechos bíblicos, acha-se a ênfase nas curas e prosperidade.¹¹⁵ Prega-se que o crente não pode se contentar com a falta de saúde e nem com a limitação financeira.

Com esse evangelho, Deus se torna um servo dos desejos humanos. A obra de Cristo na cruz deixa de ser considerada como a salvação para a alma e é apenas a garantia de que o crente não precisa mais ficar doente. Isso tem gerado comunidades fracas e débeis,

¹¹³ Ver ANDRADE, Joaquim de. *A teologia da prosperidade*. (Extraído de www.solascriptura-tt.org); CUNHA, Walker R. *Cansado de Teologia*. (Extraído de www.monergismo.com); GROSS, Marcelo. *A fogueira santa de Israel*. (Extraído de www.solascriptura-tt.org); LIMA, Elinaldo Renovato de. *A teologia da prosperidade à luz da Bíblia*. (Extraído de www.assembleiadedeus-rn.org.br); NETO, Francisco Belvedere. *Ventos de doutrinas: Modismos e heresias ameaçam igrejas brasileiras*. Centro Apologético Cristão de Pesquisas. (www.cacp.org.br).

¹¹⁴ GOSSET, Don. *Há poder em suas palavras*. Deerfield, Florida, EUA: Vida, 1979. p. 13.

¹¹⁵ ANDRADE, Joaquim de. *Op cit.*; GROSS, Marcelo. *Op cit.*; GOSSET, Don. *Op cit.* p. 68-80.

cuja vida não se centra numa busca pela vivência da piedade, e sim, pela realização de seus desejos.

A Bíblia não ensina a confissão positiva, mas sim, a soberania de Deus (1 Tm 6.15). Ele realiza seus planos em conformidade com Seu poder Supremo (Jó 42.2). Deus controla a história (Is 41.25-29), de modo que até o sofrimento infligido contra Seu povo não foge de Seu governo (At 4.23-30). Deus possui o direito de rejeitar pedidos egoístas e o faz (Tg 4.1-3), mostrando que não é o falar do homem que determina seu futuro, mas a vontade divina. O Senhor responderá todas as orações que estiverem conforme a Sua vontade (1 Jo 5.14), conduzindo o crente ao exemplo do salmista em sua humilde petição: “Faze bem a Sião, *segundo a tua boa vontade*; edifica os muros de Jerusalém” (Sl 51.18, Grifo do autor). Porque a simples confissão positiva não é garantia de fé em Deus, porém, ao contrário, indica desconsideração para com a soberania dEle (Tg 4.13-17). O próprio exemplo de Jesus coloca a vontade de Deus acima de seu conforto (Mt 26.36-46) e o Senhor se mostra muito mais interessado em conduzir os eleitos à dependência de Sua graça que retirar as limitações colocadas sobre eles (2 Co 12.7-10).

As provações não fogem do controle soberano de Deus. Elas são o meio pelo qual Deus está forjando o caráter de Seu povo, a fim de que sejam maduros, à semelhança de Cristo (Rm 8.28-39; Tg 1.2-4). Ser capaz de tudo naquele que fortalece o crente não implica em alcançar todos os anseios, mas em estar satisfeito seja qual for a situação, tanto de fartura quanto de privação (Fp 4.11-13). O crente se alegra com o suprimento diário de Deus (1 Tm 6.6-8), pois o amor ao dinheiro não é evidência de fé, mas o caminho de desvio dela (1 Tm 6.9-10).

Por mais que a doença seja consequência da queda humana, ela é usada com propósitos benéficos por parte de Deus, guiando Seu povo na dependência de Seu poder e Graça (2 Co 12.7-10). Uma doença propiciou a pregação de Paulo aos gálatas (Gl 4.12-14). Ministros do evangelho enfrentaram dificuldades físicas (Fp 2.25-30; 1 Tm 5.23; 2 Tm 4.20). Antes de curar Jó, Deus se preocupou em lhe dar uma visão adequada de Sua Sabedoria e Poder (Jó 38 – 42.6).

Portanto, o pastor que assume a tarefa de proteger a sã doutrina e auxiliar o rebanho de Cristo na experiência da piedade, proclama o Deus Soberano e Senhor da história, não um fantoche nas mãos humanas. E assim, orienta os crentes a uma vida de submissão aos

propósitos benditos dEle, entendendo as adversidades como oportunidades de serem remodelados à imagem do Criador.

6. CONCLUSÃO

Ao findar o presente trabalho, as questões suscitadas na introdução encontram respostas. As Pastorais são autoritativas para fornecer uma base ao trabalho episcopal. Questões lingüísticas, históricas, eclesiológicas e teológicas não tiram a credibilidade da autoria paulina, mas ao contrário, reforçam ainda mais o testemunho canônico.

As cartas tiveram sua origem em um contexto específico da história. Visavam orientar Tito e Timóteo nos seus encargos de supervisores das igrejas de Éfeso e Creta, abordando questões necessárias. Todavia, as similaridades com o desafio de pastorear na modernidade são pertinentes e destacam a relevância que a orientação bíblica tem para hoje.

No exercício do cuidado do rebanho, o pastor precisa cuidar, também, de si mesmo (1 Tm 4.16). Deve se desenvolver nas virtudes cristãs, buscando ser um modelo adequado para a igreja de Jesus. Ser irrepreensível é seu alvo. O aperfeiçoamento que este mira percorre a fidelidade matrimonial, o autocontrole, o conhecimento das Escrituras, a amabilidade, a liderança do lar, a humildade e o bom testemunho perante os de fora.

Quanto ao trabalho, duas tarefas fundamentais permeiam o ministério do pastor. Deve proteger a sã doutrina, aplicando-se ao aprendizado dela e a proclamando como verdade absoluta. Enquanto anuncia a mensagem do evangelho, o pastor se preocupa, também, em orientar seu rebanho na prática de boas obras. Pois não promove a simples informação, e sim, a absorção da Palavra de Deus no viver diário.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALEXANDRIA, Atanásio de. *Epístola 39*.
- ANDRADE, Joaquim de. *A teologia da prosperidade*. (Extraído de www.solascriptura-tt.org).
- BARKER, Kenneth (Org.). *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.
- BEEKE, Joel R. *Atentai para a vossa atitude no ministério 1*. Trad. Felipe Sabino de Araújo Neto. Cuiabá, 2005. (Artigo extraído de www.monergismo.com).
- BÍBLIA ONLINE: módulo avançado, versão 3.0 (CD ROM). Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- BULLINGER, E.W. *Estructuras y notas a las epístolas del apóstol Pablo*. The Companion Bible, 1922.
- CALVINO, Juan. *Comentario a la primera epístola pastoral de San Pablo a Timoteo*. Ginebra, 1556. (Extraído de www.gracia soberana.com).
- _____. *Comentario a la segunda epístola pastoral de San Pablo a Timoteo*. Ginebra, 1556. (Extraído de www.gracia soberana.com).
- CARSON, D.A., MOO, Douglas J., MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2003. v. 3-4.
- COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- CONSTABLE, Thomas L. *Notes on 1 Timothy*. [n.l.], 2005. (Extraído de soniclight.com).
- _____. *Notes on 2 Timothy*. [n.l.], 2005. (Extraído de soniclight.com).
- _____. *Notas sobre Tito*. [n.l.], 2001. (Extraído de soniclight.com).
- CUNHA, Walker R. *Cansado de Teologia*. (Extraído de www.monergismo.com).
- DAVIDSON, F. *O Novo Comentário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova.
- DOUGLAS, J.D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova. v. 3.
- EDITORA FIEL. *Concordância Fiel do Novo Testamento*. São José dos Campos, SP: Fiel, 1994-1997. v.1.
- EDITORA PAULUS. *Bíblia de Jerusalém*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2002.

- EDITORA VIDA. *Bíblia Sagrada: nova versão internacional*. São Paulo: Vida, 2001.
- FEE, Gordon D., STUART, Douglas. *Entendes o que lêes?*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- FEE, Gordon D. *1 e 2 Timóteo, Tito*. Deerfield, Florida, E.U.A: Vida, 1994.
- GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento grego/português*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- GOMES, Wadislau Martins. *Aconselhamento redentivo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- GONÇALVES, Éder. *Síntese do Novo Testamento*. SBPV (Seminário Bíblico Palavra da Vida): Atibaia, SP, 2001. (Apostila preparada para a disciplina de Síntese do Novo Testamento).
- GOSSET, Don. *Há poder em suas palavras*. Deerfield, Florida, EUA: Vida, 1979.
- GROSS, Marcelo. *A fogueira santa de Israel*. (Extraído de www.solascriptura-tt.org).
- GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARRISON, Everett (Edit.). *Comentário Bíblico Moody*. São Paulo: IBR, 1983. v. 4, 5.
- HENDRIKSEN, William. *1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- HORREL, J. Scott (Edit.). *Ultrapassando Barreiras*. São Paulo: Vida Nova, 1994. v. 1.
- JUNIOR, John MacArthur. *Ministério Pastoral: alcançando a excelência no ministério cristão*. Rio de Janeiro: CPAD, [n.d.].
- KEATHLEY, J. Hampton. *Las Epístolas Paulinas*. (Extraído de www.bible.org).
- _____ *Qualifications for the evaluation of elders and deacons*. (Extraído de www.bible.org).
- KELLY, J.N.D. *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1983.
- KÜMMEL, Werner Georg. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- LAWRENCE, Bill. *Autoridade Pastoral*. São Paulo: Vida, 2002.
- LIMA, Elinaldo Renovato de. *A teologia da prosperidade à luz da Bíblia*. (Extraído de www.assembleiadedeus-rn.org.br).
- LUTERO, Martín. *Comentario sobre la Epístola San Pablo a Tito*. (Extraído de www.gracia soberana.com).
- LUTZER, Erwin. *De pastor para pastor*. São Paulo: Vida, 2000.

- MACK, Wayne A., JÚNIOR, John F. MacArthur. *Introdução ao aconselhamento bíblico: um guia básico dos princípios e prática do aconselhamento*. São Paulo: Hagnos, 2004.
- MUELLER, Ênio R. *1 Pedro: introdução e comentário*. São Paulo: Mundo Cristão, 1988.
- NETO, Francisco Belvedere. *Ventos de doutrinas: Modismos e heresias ameaçam igrejas brasileiras*. Centro Apologético Cristão de Pesquisas. (www.cacp.org.br).
- NETO, Tiago Abdalla T. *Situação Histórica, Social, Religiosa e Política do Livro de Atos*. SBPV: Atibaia, 2004. (Trabalho apresentado como requisito da matéria de Atos).
- PETERSON, Eugene. *Um pastor segundo o coração de Deus*. Rio de Janeiro: Textus, 2000.
- _____ *O pastor que Deus usa*. Rio de Janeiro: Textus, 2003.
- _____ *O pastor contemplativo: voltando à arte do aconselhamento espiritual*. 2.ed. Rio de Janeiro, 2004.
- PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Fundamentos para a exegese do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- RAND, W.W. *El diccionario de la Santa Biblia*. San Jose, Costa Rica: Caribe, n.d.
- REGA, Lourenço Stelio, BERGMANN, Johannes. *Noções do grego bíblico: gramática fundamental*. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- RYRIE, Charles Caldwell. *A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.
- STOTT, John R. W. *A mensagem de 2 Timóteo*. 4.ed. São Paulo: ABU, 1995.
- UNITED BIBLE SOCIETIES. *The greek New Testament*. 4.ed. USA: United Bible Societies, 1983.
- WAGNER, Glenn. *A igreja que você sempre quis*. São Paulo: Vida, 2004.
- WALLACE, Daniel B. *1 Timothy: Introduction, Argument, Outline*. (Artigo extraído de www.bible.org).
- _____ *Titus: Introduction, Argument, Outline*. (Artigo extraído de www.bible.org).
- _____ *2 Timothy: Introduction, Argument, Outline*. (Artigo extraído de www.bible.org).